Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 14.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 696 / € 2,00 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

"ELO MAIS FRACO"

MINISTRA DA SAÚDE JÁ É QUESTIONADA NA AD

O desagrado com a atuação de Ana Paula Martins não vem somente da oposição. Também na AD se questiona que se criem "problemas" em vez de "soluções". O "desacerto" com governo está sinalizado. A Ordem dos Médicos aguarda por medidas "concretas". PÁG. 6

REPORTAGEM

FILAS, ATRASOS E AVARIAS: UM DIA NO AEROPORTO DE LISBOA

PÁGS. 8-9

Sondagem

PS à frente num país ancorado à direita. Chega já recuperou do trauma europeu

PÁGS. 4-5

Habitação

Descida do IVA por cumprir e instabilidade legislativa travam construção para arrendar

PÁG. 14



ENTREVISTA A DIOGO RIBEIRO

NADADOR CAMPEÃO MUNDIAL

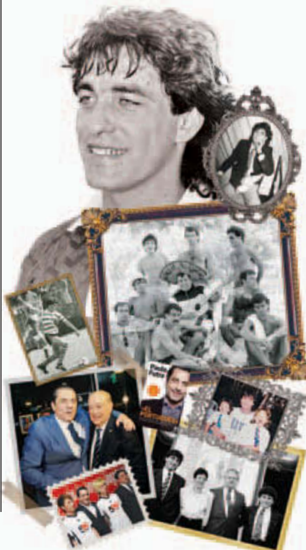
"NÃO DESCANSO ENQUANTO NÃO CHEGAR À MEDALHA OLÍMPICA, MAS NÃO POSSO GARANTIR QUE SEJA EM PARIS 2024" PÁGS. 20-21

ARENA

Prova de vida

Paulo Futre

PÁGS. 24-27



HOJE GRÁTIS

com o DN



Brasil

O "escândalo das joias" é apenas o último problema de Bolsonaro

PÁG. 16

Cinema

Ingmar Bergman, o cineasta de todos os exílios

PÁGS. 22-23

Opinião

RUI CALAFATE

100 dias de governo. Habituem-se

PÁG. 7



Até ver...

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Segurança interna e vazio "não casam"

É possível que boa parte dos portugueses ainda desconheça a existência de um secretário-geral do Sistema de Segurança Interna (SSI) e, possivelmente, do próprio SSI. Talvez haja quem tenha uma ténue lembrança – quando este cargo foi criado, em 2008, pelo governo de José Sócrates – de o cognome de "superpolícia" ser aplicado ao juiz conselheiro Mário Mendes, o primeiro a ocupar esta cadeira de coordenação, direção e controlo das forças e serviços de segurança e da articulação destes com o sistema de informações, da proteção civil e das Forças Armadas.

Passados 16 anos, e apesar de ter tido um papel importante para o sucesso de alguns eventos de dimensão internacional, como a Cimeira da NATO de 2010 ou as visitas dos Papas – Bento XVI em 2010 e Francisco em 2017 – e para a que seria classificada como a maior operação de segurança de sempre, em 2023, que foi a Jornada Mundial da Juventude, o SSI não teve direito a uma linha sequer no programa eleitoral da AD nem no programa do atual governo. Talvez fosse por isso de esperar o que está a suceder.

Sabemos que o desempenho da segurança interna não está dependente do SSI, muito menos do secretário-geral, e que, em relação às maiores polícias de ordem pública, GNR e PSP, temos uma ministra atenta, com uma estratégia na sua cabeça há vários anos, desde quando era inspetora-geral da Administração Interna e identificou exaustivamente os pontos críticos, visando a valorização, a formação e uma seleção apurada dos melhores, sem a "fruta podre" de radicalismos que tão bem ilustrou na entrevista que deu esta semana ao DN e à TSF.

A questão é que nesta área de segurança interna, que tantos gostam de aclamar por estarmos no *top* 10 dos países mais seguros do mundo (apesar de entre 2020 e 2023 termos caído da 3.ª para a 7.ª posição no *Global Peace Index*), não pode haver vazios. Ou, usando a expressão de Margarida Blasco quando disse que "imigração e criminalidade não casam", segurança e vazios "não casam".

Ainda mais quando, numa matéria que deve ser pautada por certezas, esses vazios parecem denotar alguma hesitação do governo – neste caso do primeiro-ministro, que é quem tem a tutela do SSI – sobre o sucessor do atual secretário-geral, o embaixador Paulo Vizeu Pinheiro. O diplomata devia apresentar-se na próxima terça-feira, 16, no novo posto, como Representante Permanente de Portugal junto da NATO, em Bruxelas, e ainda não é conhecido o nome de quem o vai substituir. Para não agravar o "vazio", Vizeu Pinheiro vai ter de adiar a sua viagem para o quartel-general da NATO, até porque, mesmo sendo conhecida a nomeação, são precisos alguns dias para passar todas as pastas. Ainda mais se for escolhida uma figura que não domine todos os dossiês – e são vários, pois o SSI agigantou-se no mandato do embaixador. Tem quase 200 funcionários, centraliza o mais completo sistema de informações para a cooperação policial internacional e tem um "mini-SEF", a Unidade de Coordenação de Fronteiras e Estrangeiros (UCFE), que articula o trabalho das forças de segurança e centraliza toda a informação relativa às entradas e saídas em território nacional.

Sendo que esta transição se concretiza numa altura do ano de maior pressão nas fronteiras, com a entrada de milhões de turistas e em vésperas da fase de testes no novo sistema de controlo digital e biométrico de fronteiras – as designadas Smart Borders –, o qual, se não estiver operacional em outubro, tal como em todos os outros países da União Europeia, pode levar a uma suspensão de Portugal do Espaço Schengen.

Tendo em conta o histórico de anteriores secretários-gerais, os juízes foram a maioria (Mário Mendes e Antero Luís), seguidos da procuradora Helena Fazenda e agora de um diplomata, é possível que se volte a encontrar nestas classes um novo secretário-geral – o que é positivo, pois escolher um elemento de uma das polícias poderia criar algum ruído.

Com o legado deixado por Paulo Vizeu Pinheiro o *próximo(a)* "superpolícia" terá, inevitavelmente, de ter capacidade de gestão e coordenação, conhecimento de todos os atores do SSI, muita perseverança e sabedoria, para não deixar cair toda a estrutura tão afincadamente montada.

Sabendo há meses que esta substituição tinha de ser feita e tendo em conta o pragmatismo que o governo tem demonstrado na gestão de várias áreas controversas, é incompreensível que ainda se mantenha esta incógnita. Ao menos que a escolha não seja só uma surpresa, mas que seja a melhor.

OS NÚMEROS DO DIA

72 POR CENTO

Percentagem de inquiridos numa sondagem do canal de notícias israelita 12 que defendem que o primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, se deve demitir.

2 GALÁXIAS

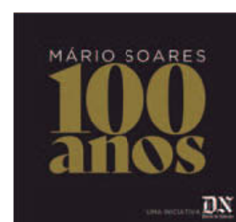
Entrelaçadas, captadas pelo telescópio espacial Web, a brilharem no espetro de infravermelho. Foram fotografadas a 326 milhões de anos-luz de distância, rodeadas por uma névoa azul de estrelas e gás. Estão emaranhadas há dezenas de milhões de anos.

28 ANOS

Idade da checa Barbora Krejcikova, que conquistou ontem, pela primeira vez, o torneio de Wimbledon ao vencer na final a italiana Jasmine Paolini.

586 MÉDICOS

Número de médicos subscritores de uma carta enviada ontem à ministra da Saúde a expressar a sua indisponibilidade para fazerem mais horas extraordinárias, além das previstas na lei, caso não haja acordo com os sindicatos nas negociações.





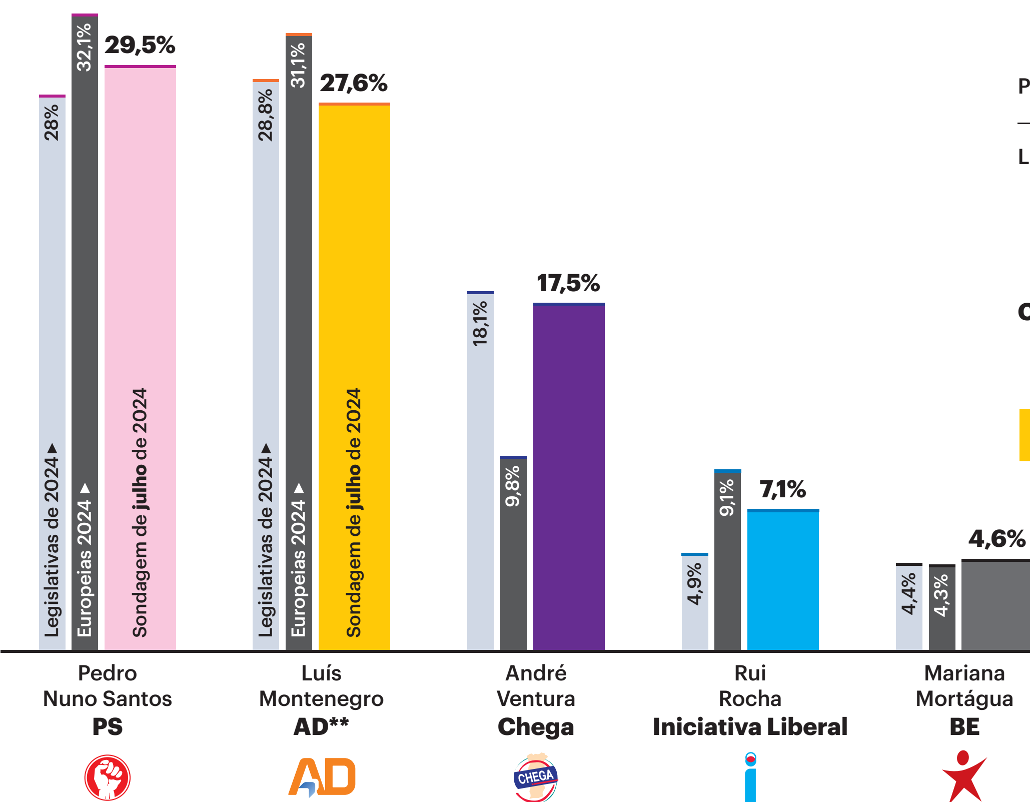
14.7.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Legislativas - sondagem

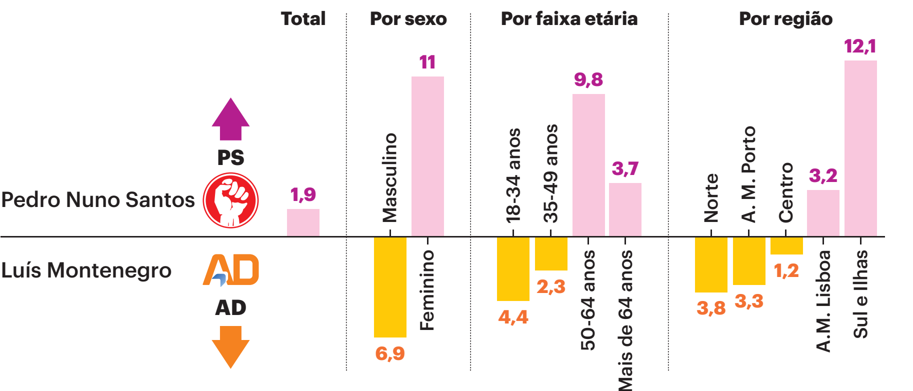
Intenção de voto com distribuição de indecisos*

Comparação com o resultado obtido nas eleições legislativas de 10 de março de 2024 e com os resultados das europeias de 9 de junho de 2024

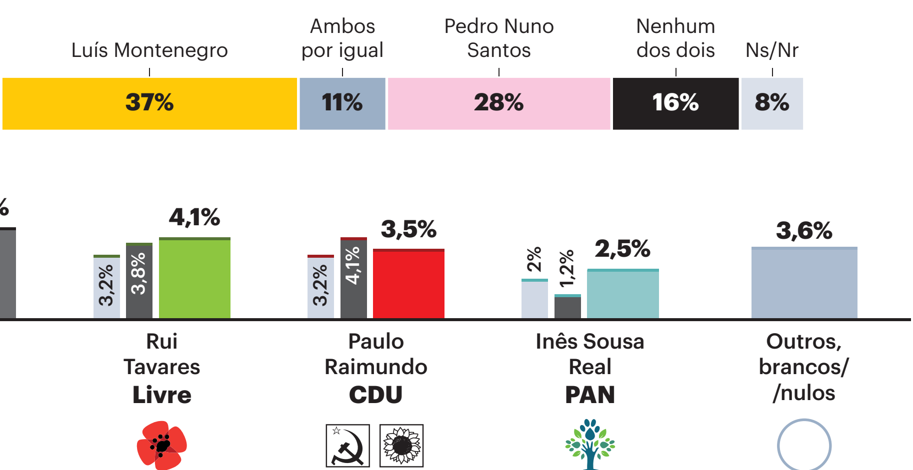


Diferença entre o PS e a AD (pontos percentuais)

Intenção de voto com distribuição de indecisos



Confiança para primeiro-ministro



Nota: base de inquiridos que declararam intenção de votar foi de **75%** do total

*distribuição proporcional dos indecisos, tendo em conta a votação anterior e questões adicionais relativas à Esquerda/Direita

**Aliança Democrática (AD) é uma coligação entre o PSD, o CDS-PP e o PPM

FONTE: AXIMAGE, BARÓMETRO POLÍTICO DE JULHO DE 2024 INFOGRAFIA JN

PS à frente num país ancorado à direita. Chega já recuperou do trauma europeu

SONDAGEM Socialistas têm dois pontos de vantagem sobre a AD, mas portugueses confiam mais em Luís Montenegro do que em Pedro Nuno Santos para primeiro-ministro.

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

Os socialistas (29,5%) ficariam à frente da Aliança Democrática (27,6%) se o país fosse de novo para eleições, ainda que os portugueses tenham mais confiança em Luís Montenegro (37%) do que em Pedro Nuno Santos (28%) quando está em causa o cargo de primeiro-ministro. A sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF aponta também para a possibilidade de o Chega ter ultrapassado o "trauma" das europeias, voltando ao patamar das últimas legislativas (17,5%). Os liberais ficariam a meio caminho relativamente aos dois últimos atos eleitorais (7,1%). Fecham a tabela o BE (4,6%), o Livre (4,1%), a CDU (3,5%) e o PAN (2,5%).

É um país ancorado à direita aquele que o barómetro reflete neste início de verão (o trabalho de campo decorreu entre 3 e 8 de julho). Os quatro partidos desse lado do espetro político (PSD, CDS, Chega e IL) somam mais oito pontos do que os cinco mais à esquerda (PS, BE, Livre, CDU e PAN). Mas o retrato do país político não é necessariamente igual nas suas diferentes partes. Em nenhum caso é mais evidente essa diferença do que no género.

Mulheres à esquerda

Se dependesse apenas das mulheres, e num cenário de eleições legislativas, seria a esquerda a conseguir uma maioria no Parlamento (somaria 54 pontos percentuais). Essa implantação no feminino é particularmente acentuada no PS, no BE e no PAN. Ao contrário, se fossem apenas os homens a votar, a vitória à direita seria esmagadora (somaria 61 pontos), com destaque para a testosterona do Chega (eles mais do que duplicam o voto delas) e, numa proporção bem menos acentuada, da AD.

Detetam-se diferenças igualmente significativas quando o ângulo de análise é a idade dos eleitores. Nos dois primeiros escalões etários da amostra (18/34 e 35/49 anos), a vantagem da direita é de 19 pontos percentuais. Entre os que têm 50 a 64 anos essa vantagem cai para apenas três pontos. Mas entre os portugueses mais velhos (65 ou mais anos) o cenário inverte-se, com a esquerda a somar mais cinco pontos do que a direita.

No que diz respeito à luta pelo primeiro lugar, são de novo os socialistas que levam ligeira vantagem sobre a coligação de direita. Se nas legislativas de março a AD conseguiu uma vantagem de oito décimas (e mais dois deputados), nas europeias de junho foi o PS que conseguiu mais um ponto (e mais um eurodeputado). Um mês depois, e se houvesse eleições para a Assembleia da República, a sondagem aponta para um empate técnico (tendo em conta a margem de erro de 3,5%), com vantagem para os socialistas, que somam mais dois pontos do que PSD/CDS.

Nesta disputa também se percebe que há várias fronteiras a dividir as duas maiores forças políticas: as geográficas, desde logo com a AD à frente no Norte, Porto e Centro, enquanto o PS lidera em Lisboa e no Sul; no género, uma vez que os homens dariam a vitória a Luís Montenegro, enquanto as mulheres apostariam em Pedro Nuno Santos, e nas faixas etárias, com a coligação de direita a levar a melhor nos eleitores até aos 49 anos e os socialistas

Avaliação do desempenho dos líderes partidários

■ Avaliação positiva ■ Ns / Nr ■ Avaliação negativa

Partido / Líder	Avaliação positiva	Ns / Nr	Avaliação negativa	Saldo: Diferença entre avaliação positiva e avaliação negativa	Por região: Maior avaliação **positiva**	Por região: Maior avaliação **negativa**	Por grupo etário: Maior avaliação **positiva**	Por grupo etário: Maior avaliação **negativa**
PSD Luís Montenegro	58%	13%	29%	+29 p. p.	69% Norte	32% Sul e Ilhas	66% 65+ anos	31% 35 a 49 anos
Iniciativa Liberal Rui Rocha	44%	26%	30%	+14 p. p.	52% Norte	33% AM Lisboa, Sul e Ilhas	52% 18 a 34 anos	36% 65+ anos
Livre Rui Tavares	39%	26%	35%	+4 p. p.	46% AM Lisboa	39% Norte	45% 65+ anos	39% 65+ anos
PS Pedro Nuno Santos	43%	15%	42%	+1 p. p.	50% AM Lisboa	52% Norte	52% 65+ anos	45% 35 a 49 anos, 65+ anos
CDS Nuno Melo	35%	25%	40%	-5 p. p.	39% Norte	42% Norte	38% 18 a 34 anos	44% 65+ anos
BE Mariana Mortágua	38%	17%	45%	-7 p. p.	43% Sul e Ilhas	51% Norte, AM Porto	42% 18 a 34 anos	51% 65+ anos
PAN Inês Sousa Real	33%	25%	42%	-9 p. p.	36% Sul e Ilhas	48% Norte	35% 18 a 34 anos	50% 65+ anos
PCP Paulo Raimundo	25%	24%	51%	-26 p. p.	29% Norte	54% Centro	28% 18 a 34 anos	60% 65+ anos
Chega André Ventura	31%	7%	62%	-31 p. p.	36% Norte, AM Lisboa	66% Sul e Ilhas	41% 35 a 49 anos	77% 65+ anos

FICHA TÉCNICA
Sondagem de opinião realizada pela Aximage para DN/JN/TSF sobre temas da atualidade nacional política. Universo: indivíduos maiores de 18 anos residentes em Portugal. Amostragem por quotas, obtida a partir de uma matriz cruzando sexo, idade e região. A amostra teve 801 entrevistas efetivas: 682 entrevistas online e 119 entrevistas telefónicas; 390 homens e 411 mulheres; 176 entre os 18 e os 34 anos, 215 entre os 35 e os 49 anos, 197 entre os 50 e os 64 anos e 213 para os 65 e mais anos; Norte 285, Centro 177, Sul e Ilhas 110, A. M. Lisboa 229. Técnica: aplicação online (CAWI) de um questionário estruturado a um painel de indivíduos que preenchem as quotas pré-determinadas para pessoas com 18 ou mais anos; entrevistas telefónicas (CATI) do mesmo questionário ao subuniverso utilizado pela Aximage, com preenchimento das mesmas quotas para os indivíduos com 50 e mais anos e outros. O trabalho de campo decorreu entre 3 e 8 de julho de 2024. Taxa de resposta: 75,32%. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de +/- 3,5%. Responsabilidade do estudo: Aximage, sob a direção técnica de Ana Carla Basílio.

em vantagem dos 50 anos em diante.

Jovens com o Chega
Numa sondagem em que se percebe que as oscilações da maioria das forças políticas são relativamente reduzidas face aos dois últimos atos eleitorais, há um partido que se destaca: o Chega. Depois da queda abrupta nas europeias (caiu para quase metade em termos percentuais), regressa ao patamar que tinha conseguido nas legislativas de março. E ficaria até em primeiro lugar entre os eleitores de 18 a 34 anos, ainda que apenas meio ponto percentual acima da Aliança Democrática.

Esta capacidade do partido de André Ventura de atrair os mais jovens não é inédita em sondagens. Mas há, desta vez, um outro segmento em que revela um poderio bastante acima da média: entre os homens ficaria em segundo lugar, quase um ponto percentual à frente dos socialistas (24,3%). Uma força que revela também uma debilidade, uma vez que o apelo dos radicais de direita junto das mulheres é substancialmente menor (10,4%), ou seja, fica a 14 pontos da AD e a 25 pontos do PS.

rafael@jn.pt

BLOCO CENTRAL
Quanto mais velho o eleitor, melhor o resultado do PS. A AD não tem um percurso tão linear ao longo da pirâmide, mas é também entre os que têm 65 ou mais anos que consegue a percentagem mais elevada.

JOVENS À DIREITA
Chega e IL registam um percurso etário inverso ao dos socialistas. Quanto mais novo o eleitor, maior a percentagem. No caso dos liberais, até duplicam o resultado global entre os 18/34 anos.

PAN NO FEMININO
Se o Chega é um partido com um peso desproporcional de eleitores masculinos, o PAN é o que mais depende das mulheres. Nesta sondagem elas são sete vezes mais numerosas do que eles.

LIBERAIS A NORTE
É no Norte e no Porto que a IL tem os seus bastiões. O BE destaca-se no Centro, o Livre no Porto, a CDU no Sul e o PAN no Norte e em Lisboa. Todos longe do Chega, cujo melhor resultado é no Norte e no Centro.

MONTENEGRO À FRENTE
Na confiança para primeiro-ministro, os melhores resultados de Luís Montenegro são no Norte (42%) e no Porto (41%), entre os mais velhos (47%) e entre os que votam na AD (84%).

APOIO DA 'GERINGONÇA'
No jogo da confiança, Pedro Nuno Santos só vence no Sul e nos 50/64 anos (e por apenas um ponto). No voto partidário tem o apoio dos socialistas (69%), bloquistas e comunistas.

Ventura está no fundo, Montenegro no topo e Pedro Nuno no arame

Mais velhos são os mais críticos do líder do Chega e os que mais valorizam o social-democrata. Mulheres mantêm o socialista à tona.

André Ventura (Chega) continua a ser o líder partidário mais castigado pelos portugueses, registando 62% de avaliações negativas, com destaque para os mais velhos (77% dão-lhe nota negativa). No polo oposto continua Luís Montenegro (PSD), com 58% de avaliações positivas (66% entre os que têm 65 ou mais anos). De acordo com a sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF, só há mais três políticos no verde: Rui Rocha (IL), Rui Tavares (Livre) e Pedro Nuno Santos (PS).

Ventura pode ter recuperado a base eleitoral do Chega (depois da queda nas europeias, chegaria agora aos 17,5%), mas continua no vermelho quando se trata de avaliar as suas qualidades: acumula 62% de avaliações negativas e apenas 31% de notas positivas, o que resulta num saldo negativo (diferença entre avaliações positivas e negativas) de 31 pontos, o pior registo entre os nove líderes partidários. O líder da direita radical "chumba" em todos os segmentos sociodemográficos da amostra. Só recebe conforto positivo dos que votam no Chega.

O salto de Rui Rocha
Bastante próximo do fundo da tabela continua o secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, com um saldo negativo de 26 pontos. Mas há mais três líderes partidários no vermelho: Inês Sousa Real, do PAN (saldo negativo de nove pontos), Mariana Mortágua, do BE (sete pontos), e Nuno Melo, do CDS, que, apesar do saldo negativo de cinco pontos, teve uma evolução positiva.

Se é Luís Montenegro (PSD) quem está no topo desta tabela, foi Rui Rocha quem deu o maior salto de popularidade no último mês: o líder da Iniciativa Liberal tem agora um saldo positivo de 14 pontos e uma imagem particularmente favorável entre os homens, os mais jovens e os que residem na região Norte, ultrapassando Rui Tavares (Livre) e Pedro Nuno Santos (PS).

O secretário-geral socialista mantém-se acima da linha de água por um escasso ponto (43% de avaliações positivas e 42% de negativas) e está no vermelho em vários segmentos da amostra. Mantém o saldo positivo graças às mulheres (que dariam uma vitória confortável ao PS sobre a AD), aos mais velhos e, como seria de esperar, aos eleitores do PS, BE, CDU e Livre.



A ministra da Saúde, Ana Paula Martins.

FILIPA BERNARDO/ GLOBAL IMAGENS

Saúde. O "elo fraco" do governo que "está a criar problemas" e "instabilidade"

GOVERNO O desagrado com a atuação da ministra não vem somente da oposição. Também na AD se questiona que se criem "problemas" em vez de "soluções". Ordem dos Médicos aguarda por medidas "concretas".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

A 14 de junho, o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, "deu a mão" à ministra da Saúde e "ensaiou" a justificação que quatro dias depois, a 18 de junho, era suposto Ana Paula Martins dar para corrigir, em parte, o que tinha dito a 12 de junho sobre as administrações dos hospitais. Mas num "desacerto", referem fontes sociais-democratas, a titular da pasta da Saúde acabou por contradizer o colega de governo.

"Obviamente que o governo se revê nas declarações" de Ana Paula Martins, disse o ministro da Presidência. E ao "obviamente" acrescentou "a importância de valorizar os profissionais, a gestão e as direções", desvalorizando as críticas às "lideranças fracas" das administrações hospitalares que, tentou esclarecer, não são sobre "várias administrações hospitalares, mas sobre uma, nomeadamente a da Unidade Local de Saúde (ULS) de Viseu Dão-Lafões". A 12 de junho, Ana Paula Martins tinha afirmado que as lideranças em saúde são "fracas" e que "tem de haver escrutínio, tem de haver avaliação de desempenho para os gestores […]. Nós precisamos de ter à frente dos hospitais e à frente dos serviços lideranças que sejam mobilizadoras".

Seis dias mais tarde veio dizer que tinha sido "mal interpretada", mas, e ao contrário do argumento de Leitão Amaro, manteve no alvo as lideranças. "Naturalmente, terei de ser suficientemente humilde para perceber que não foi assim interpretado, mas foi exatamente o objetivo de, enquanto responsável da saúde, dizer que temos mesmo de ter atenção a quem escolhemos para liderar as nossas equipas", afirmou.

> Cerca de 600 médicos avisaram ontem a ministra de que estão indisponíveis para fazer mais horas extraordinárias caso não haja acordo com os sindicatos nas negociações.

E sobre o caso da ULS de Viseu Dão-Lafões? A governante disse desconhecer as razões da demissão do conselho de administração, que alegou "quebra de confiança política". Leitão Amaro, pelo contrário, a 14 de junho justificou que "a senhora ministra até esteve quatro horas em reunião [com o conselho de administração], codesenhando um plano" para que a situação [o encerramento da urgência pediátrica] se resolvesse, porque essa decisão foi tomada "à revelia do governo".

O "desacerto", que "por sorte" – diz fonte do PSD ao DN – passou "despercebido", acabou "diluído" no anúncio de que o governo iria criar uma comissão para auditar os conselhos de administração dos hospitais e na nomeação de Gandra D'Almeida, escolhido a 22 de maio, para diretor do SNS.

Este episódio "interno", após a troca de acusações e alegações com Fernando Araújo, que se demitiu da Direção-Executiva do SNS, somou-se a "outros" públicos, lamenta fonte governamental, sem "qualquer necessidade".

Acresce, sustenta outra fonte, um plano de emergência e transformação para a saúde, apresentado no final de maio, que "não parece, bem pelo contrário, resolver os problemas"; as exigências "justas" de médicos e enfermeiros, que continuam sem resposta [a próxima prioridade de Montenegro são os militares]; a "instabilidade criada" no INEM, e até a "falta" de colaboração da Defesa – a "aparente recusa" de prestação de cuidados a civis [o apoio às urgências em Lisboa] no Hospital da Estrela.

Na sexta-feira, Leitão Amaro veio pela segunda vez "dar a mão" à ministra. O argumento? O que se está a passar no INEM é culpa do governo PS, que deixou uma situação "dramática".

A fonte do DN lembra que "num setor que precisa de soluções, o que surgem são problemas. [A ministra] É um elo fraco". E acrescenta que Ana Paula Martins também está a ser "vítima de um leque vasto de prioridades" em outras áreas da governação. "O que temos até agora? Anúncios de comissões, auditorias, entradas e saídas de dirigentes e promessas", resume fonte social-democrata.

Carlos Cortes, bastonário da Ordem dos Médicos, percebe as dificuldades iniciais, mas esperava da ministra "uma abordagem mais positiva", dado que tem "havido muitos problemas", mas, adianta, "as coisas a partir de setembro/outubro têm que começar a normalizar e o Ministério da Saúde começar a apresentar soluções concretas".

Estas leituras coincidem com as críticas da líder parlamentar do PCP, que, para além de alertar para o "agravar" da situação, para a "falta de profissionais, a desvalorização das carreiras, os baixos salários, a falta das condições de trabalho", também concorda com a ideia de que "o Ministério da Saúde está a criar problemas". "É o que está a acontecer", diz igualmente Marisa Matias, do BE, que não encontra "soluções", por exemplo, no plano de emergência, mas sim "um reforço da privatização" do SNS.

"O governo não assumiu qualquer compromisso para revolver estes problemas. Anúncios há muitos, mas só isso", reforça Paula Santos. "Houve uma identificação dos problemas, mas não há uma única proposta efetiva para os resolver", acrescenta Marisa Matias.



Opinião
Rui Calafate

100 dias de governo. Habituem-se

Celebram-se agora os 20 anos da mítica série *Lost*. Foi um tempo em que o mundo se interrogava sobre o que significaria aquela sequência de números, 4, 8, 15, 16, 23, 42. Mas o mais importante é que por ali pululava um personagem misterioso, John Locke (como o filósofo inglês), que para comandar o grupo de sobreviventes naquela ilha afirmava: "Um líder não sabe liderar se não sabe para onde vai."

A primeira nota é que Luís Montenegro chegou onde muitos anteviam que não chegasse. As sondagens mostravam que o PSD não descolava na oposição, os portugueses diziam que era André Ventura que a comandava, sendo que se apontava o seu prazo de fim de validade para as eleições europeias, se não as ganhasse. Mas tal como com Durão Barroso – também enormemente fustigado numa das profissões mais difíceis do mundo: ser líder da oposição –, o poder caiu-lhe nas mãos. Em 2002, o PSD venceu apertadamente Ferro Rodrigues, depois da saída de cena de António Guterres com o famoso "pântano"; agora, em 2024, também com vitória mínima, Luís Montenegro bate o PS após o parágrafo fatídico e a indecente descoberta de 75 mil euros no gabinete do mais importante colaborador de António Costa. Há, portanto, um mérito evidente no primeiro-ministro: a sua resiliência.

Depois, após os 100 dias do seu exercício, é evidente que o dito "governo de combate" tem apenas um maestro, Luís Montenegro, e não há estrelas. Há briosos, uns com mais experiência, outros não, executantes, tendo todos a noção de que se algum ministro partir para algum solo desenfreado isso será penalizador para a unidade e bom funcionamento do governo. A ideia é evitar sobrancerias pueris e perigosas jactâncias, para que não haja a tentação de cair num qualquer "habituem-se", que penalizou a imagem pública de António Costa e corroeu reputacionalmente a sua maioria absoluta. Por isso se ouve tanta vez do novo Executivo a palavra humildade – vamos ver se não é palavra vã.

Um governo normal e simples, com um primeiro-ministro e restante elenco governamental normal e simples, em que a técnica de comunicação – que já identifiquei na CNN - para projectar o líder é a de lhe dar o palco nos bons momentos, ser ele a proclamar as medidas mais populares ao lado dos ministros sectoriais e fechar-se em copas nas alturas difíceis ou envoltas em polémica, pois ainda não foi encontrado nenhum antídoto contra a arma comunicacional mais poderosa: o silêncio. E essas acções, com um ou dois percalços iniciais, têm sido bem coordenadas. E não há liderança sem planeamento para controlar a agenda político mediática e a narrativa. Dizia Joan Crawford, na sua inesquecível personagem Vienna do *Johnny Guitar*, do Nicholas Ray, "um bom pistoleiro não depende de trevos-de-quatro-folhas".

No entanto, um maestro precisa de bons instrumentistas, e há três ministros que têm de se destacar. Fernando Alexandre e Margarida Blasco estão a conseguir aquilo que todos os governos pretendem evitar: corporações nas ruas. Ainda não foram todas as exigências dos sindicatos cumpridas, mas dar passos seguros para que professores e polícias estejam mais serenos é importante para não descalibrar o leme. Por último, Rita Júdice. Foi a sua corajosa entrevista a ignição para que Lucília Gago, ao fim de seis anos, saísse de um abismo de silêncio sepulcral que apodreceu a confiança dos portugueses na Justiça, para provar à sociedade a sua leviandade e destempero na relação da PGR com a comunidade. Sim, a ministra estava certa: "ordem na casa", "liderança", "saber comunicar" são obrigatórios para quem vier a seguir na PGR. E acrescento uma das peças mais importantes deste tabuleiro: o ministro sem pasta Hugo Soares. É o braço-direito do PM, seu conselheiro e confidente nesta caminhada, e com ele se consegue a ligação governo-Parlamento-PSD, porque é dos livros que, aquando da passagem do poder, o partido eclipsa-se. Isso não tem acontecido, fruto da política de porta aberta e telemóvel sempre disponível do líder parlamentar.

Luís Montenegro sabe para onde vai. Para o centro. É ali que se ganham eleições, não se pode alienar o centro moderado nem afugentá-lo com tentações de frentismo como os partidos de esquerda estão a pretender enjaular o PS de Pedro Nuno Santos. "Não sou um líder tribal", afirmava Keir Starmer, do Partido Trabalhista (de esquerda), depois de entrar no 10 de Downing Street. E é assim que um líder de um grande partido de poder se deve comportar. É a partir da dita moderação e racionalidade que se conjuga a *gravitas* e a imagem de estadista. Essa conversão damascena do "rústico", mencionado por Marcelo Rebelo de Sousa num jantar que lhe correu mal, no homem de Estado vem com o convívio dos grandes do mundo, como agora na cimeira da NATO, e Luís Montenegro tem vestido bem esse papel para robustecer a sua *persona política*.

Sem "casos e casinhos" até ao momento, onde estão os pontos fracos? Saúde, Finanças, concretizar medidas e instabilidade governativa. Na pasta mais complicada, a ministra tem entrado várias vezes de pés juntos e, não tendo traquejo político, já disse coisas num dia que no dia seguinte teve de explicar melhor. Ora, isso significa que comunicou mal e cometeu um erro de percepção nas declarações proferidas. O caso do INEM não é bom para a estabilidade do sector, que é o que mais toca os portugueses, e o plano de emergência apresentado não dá garantias. Nas Finanças há um técnico competente que é um desastre político e já devia ter mais tarimba depois da passagem pelo Parlamento. É o titular desta pasta mais fraco que a direita apresentou ao país e não me parece que melhore.

> **Acusam o governo nestes 100 dias de estar em campanha eleitoral, ora um político está sempre em campanha eleitoral. Quem não o faz trabalha pouco.**

Luís Montenegro criticou muito o antecessor pelos excessivos *power points* e medidas anunciadas que não foram concretizadas. No primeiro item, parece que afinal este governo não segue as pisadas de Jeff Bezos e outros grandes empresários, que aboliram a dita ferramenta para ajudar a entreter um auditório e até abusam dele. Quanto à concretização das medidas, é preciso tempo, naturalmente, contudo convém acelerar o passo porque Outubro chega depressa. E com isto chegamos ao ponto mais vulnerável do governo. A AD ganhou por muito pouco e tem dois partidos inimigos disponíveis para dispararem flechas para o seu calcanhar de Aquiles. Montenegro conta com o colo de Belém, porque não ficava nada bem Marcelo Rebelo de Sousa dissolver uma vez mais a Assembleia da República, mas tem mantido um braço-de-ferro com o PS e vai mantê-lo, porque ninguém deseja eleições, a começar pelos portugueses, pois ninguém quer dar parte de fraco. Se o PM não negociasse, era porque queria dinamitar a maioria existente e partir com ambição para melhorar o resultado nas urnas, só que o ministro mais experiente deste governo, Castro Almeida, foi claro: "Leiam os meus lábios, não vai haver eleições antecipadas." Assim sendo, é obrigatório negociar com o PS sem ardis, uma vez que o "não, é não" com o Chega continua em vigor. Acusam o governo nestes 100 dias de estar em campanha eleitoral, ora um político está sempre em campanha eleitoral, quem não o faz trabalha pouco. Este governo, pelo menos, está a trabalhar e Luís Montenegro já chegou onde muitos nunca pensaram que chegasse. Habituem-se.

Consultor de comunicação.
O autor escreve ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Filas, atrasos e avarias: um dia no aeroporto de Lisboa

MOVIMENTO Com a época alta a aproximar-se, o DN esteve naquela que é a porta de entrada de Portugal para os turistas, imigrantes e portugueses que voltam para casa de forma a entender o porquê de o Humberto Delgado ser o sexto pior aeroporto do mundo.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

O ponteiro do relógio marca 5h30 no Aeroporto Humberto Delgado. É por volta desta hora da madrugada que a área de chegadas do Terminal 1, ainda pouco movimentada, começa a receber pessoas à espera dos passageiros de voos transatlânticos, como do Brasil ou Estados Unidos. A essa hora os painéis ainda não apontam atrasos, principal fator que fez o aeroporto de Lisboa ser considerado o sexto pior do mundo no *ranking* da AirHelp divulgado esta terça-feira.

Às vésperas do 15 de julho, aquele que, sabe o DN, é um dos dias com maior fluxo de pessoas no ano, o começo da manhã no aeroporto pode não ter atrasos mas conta com outros problemas que se esticam ao longo do dia, como filas e avarias nas instalações. Entre as 6h00 e as 10h00, por exemplo, as grandes filas na imigração fazem com que alguns passageiros destes voos apenas consigam sair dali aproximadamente duas horas depois de os aviões aterrarem.

"Eles (controlo da polícia) têm sido muito mais criteriosos na imigração do que das outras vezes que vim para cá. Tive que mostrar todas as reservas, passagens de ida e volta e também todas as acomodações. Até porque vamos viajar também para Espanha, portanto quiseram ver onde vamos ficar também lá. Sinto que ficaram um pouco desconfiados. Acaba por se formar uma fila enorme, mas é o trabalho deles, eu entendo e acho que estão certos, pois tem muita gente esperta querendo entrar para ficar", conta Helena Tessari, brasileira de São Paulo que regularmente vem a Portugal passar férias.

Após a última viagem, há dois anos, na qual considera ter sido mais fácil entrar no país, Helena conta que o problema maior é a falta de pessoas no serviço. Desta vez a viajante trouxe filhos, nora e netos para conhecerem Portugal. Além de os passageiros ficarem muito tempo no processo burocrático da polícia, considera que há pouca gente a trabalhar nos guichés da imigração. Porém, destaca que isso não atrapalha a experiência no aeroporto e o ânimo de estar em Portugal.

"Sempre tenho a impressão de que a essa hora da manhã tem menos gente trabalhando, mas não acho que isso seja um exclusivo de Lisboa. O importante é que deu tudo certo e agora quero apresentar à minha família esse país maravilhoso, a comida, vinhos, azeites, passear muito. No ano passado também estive na Madeira pela primeira vez e foi ótimo. É um excelente país para trazer a família", conta a brasileira, que desembarcou em Lisboa às 5h30 e chegou ao *hall* pouco antes das 8h00.

> A partir de dia 15 o movimento promete seguir em forte ritmo e, contactada pelo DN, a Aeroportos e Navegação Aérea (ANA) não respondeu até ao fecho deste texto se há algum plano específico ou melhorias nas instalações para o fluxo que aí vem.

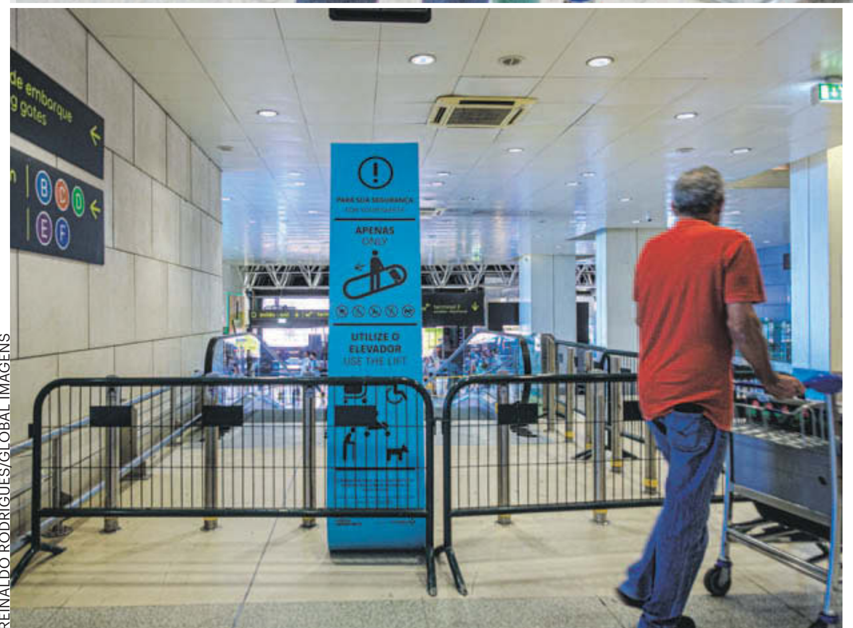
Feliz no Brasil, Helena vem a Portugal só a passeio, ao contrário de muitos brasileiros que ou já chegam para ficar ou vêm "investigar" uma possível mudança. É o caso dos cariocas Mara e Rodolfo, que chegaram a Lisboa num voo da Azul oriundo de Campinas, outro dos percursos que conta com mais passageiros nesta ponte aérea entre Brasil e Portugal. Com a filha a residir em Lisboa há mais de dois anos, o casal veio visitar o país a turismo pela primeira vez, mas já a pensar numa mudança futura.

"Na verdade, a ideia era vir no ano passado para conhecer e este ano fazer outra viagem até cá para fazer uma mudança definitiva. Mas tive uma fatalidade, a morte do meu pai no ano passado, e a viagem a turismo ficou para trás. Acabámos por vir agora. A possível mudança também ficou um pouco congelada com essa situação", conta Mara, antes de o marido completar: "Se gostarmos muito, é possível que acelere outra vez."

Entusiasmados por estarem no país pela primeira vez e por reencontrarem a única filha, o casal diz que a imigração foi mais fácil do que esperava. A experiência da filha para entrar em Portugal dava a entender que poderia ser mais complicada. "A minha filha está apaixonada por Portugal e eu estou muito empolgada. Não só por Lisboa, mas também tenho um sonho de conhecer a Nazaré desde criança, então acho que vou ficar bem emocionada. Aliás, quando ela chegar já vou ficar bem emocionada também. Ainda não está aqui porque disse que íamos ficar no mínimo duas horas na fila da imigração, ela já teve alguns problemas para entrar. Mas tivemos sorte, estava com um pouco de receio de ser uma situação desconfortável, pedirem para ver meu cartão de crédito ou algo do género", afirma Mara.

Até ao meio-dia, além do movi-





REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS



Filas no Terminal 1 do Aeroporto Humberto Delgado.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

26,5

Milhões de turistas não residentes chegaram a Portugal em 2023, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

2 mil

Milhões de euros era o valor do prejuízo estimado no painel da Confederação do Turismo em Portugal (que contabilizava o dinheiro perdido pelo país por não ter um novo aeroporto), retirado em maio deste ano.

234.º

Lugar é a posição que o Aeroporto Humberto Delgado ocupa no *ranking* da AirHelp de 2024, o que lhe confere o *status* de sexto pior do mundo.



Escada rolante no Terminal 1 encontra-se fora de serviço e faz com que os passageiros tenham que levar a bagagem pelas escadas normais. Cariocas, Mara e Rodolfo Vieira estão em Lisboa pela primeira vez para visitar a filha e cogitam mudança para o país no futuro.

mento de passageiros vindos do Brasil, são também muitos os americanos e outros turistas que desembarcam no Humberto Delgado. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2023 o número de chegadas de turistas não residentes chegou aos 26,5 milhões. Os norte-americanos tiveram um dos maiores crescimentos no período e aumentaram em 34,2% a quantidade de turistas em Portugal face ao ano anterior.

Durante a manhã chegam voos de cidades como Nova Iorque, Boston e Chicago. Num deles chegou o turista Jeremy Hopwood. Pela primeira vez na Europa e pouco acostumado com o trânsito em aeroportos, diz não saber muito sobre Portugal, mas mostra-se animado com a viagem.

"A minha sócia tem uns amigos que cresceram na Ericeira, então viemos aqui para passar uma semana lá. Não estou acostumado a viajar muito, então sempre me faz impressão os voos cheios e o aeroporto lotado, inclusive esta é a minha primeira viagem para a Europa. E, para ser sincero, eu não sei absolutamente nada de Portugal, confesso que não fiz a minha lição de casa. Mas os amigos da minha colega têm um condomínio na Ericeira, alugamos um apartamento lá e o que eu espero é muito calor, praia e vistas bonitas", conta Jeremy, que trabalha numa imobiliária na capital do Illinois.

Atrasos e avarias

Durante a tarde os aviões que aterram no Humberto Delgado são especialmente os de voos entre países da Europa. Nesta altura os problemas de atraso, preponderantes para a má classificação do aeroporto de Lisboa no *ranking* da AirHelp, começam a aparecer. Às 18h00 o painel já aponta atrasos nas chegadas e partidas de diversas aeronaves.

Com o fluxo grande de passageiros a partir das 19h00 e o atraso de alguns voos, as avarias nas instalações do aeroporto tornam-se mais flagrantes e são obstáculos para os passageiros. Na parte de fora do Terminal 1 dois elevadores que dão acesso direto ao aeroporto desde o Metro encontram-se fora de serviço, assim como escadas rolantes dentro do terminal, o que faz com que os passageiros tenham de levar as bagagens pelas escadas normais. Na parte de dentro a demora para apanhar outros elevadores é tanta que é possível ver até pessoas a dormir ao lado, sabendo que não serão incomodadas. Pouca gente tem paciência para ficar à espera. A confusão também se faz presente nas filas para voos transatlânticos: muita gente, pouco espaço.

Em aviões vindos de países como França, Luxemburgo, Inglaterra e Suíça são muitos os portugueses emigrantes que regressam ao país para passar as férias de verão com a família e amigos. Gastão Ramos, que cresceu entre Sesimbra e Lisboa, é um deles. Deixou Lisboa rumo a Londres há cinco anos, quando conseguiu uma vaga na UAL University of Arts, uma das mais conceituadas do meio no cenário europeu e mundial. Paralelamente aos estudos, trabalhou em diversos serviços em Londres e deu os primeiros passos no mercado de trabalho artístico – o qual admite ser difícil em qualquer canto do globo, mas ainda mais em Portugal.

Desde que partiu, Gastão costuma voltar a Portugal duas ou três vezes por ano e diz já estar "habituado" aos atrasos e alto tráfego em aeroportos. Em Londres, o aeroporto de Gatwick ficou ainda pior colocado no *ranking* da AirHelp, sendo o terceiro pior aeroporto do mundo.

Ao início da noite o aeroporto vê o fluxo aumentar ainda mais com as chegadas dos voos internos da Europa e a partida dos transatlânticos. A partir de dia 15 o movimento promete seguir grande e, contactada pelo DN, a Aeroportos e Navegação Aérea (ANA) não respondeu até ao fecho deste texto se há algum plano específico ou melhorias nas instalações para o fluxo que aí vem.

Perto do Humberto Delgado, o painel da Confederação do Turismo em Portugal (CTP), que contabilizava quanto dinheiro o país perdia no turismo com a indefinição acerca do novo aeroporto, foi retirado. Em 14 de maio, quando foi confirmada oficialmente a construção do Aeroporto Luís de Camões em Alcochete, o painel contabilizava um prejuízo de mais de 2 mil milhões de euros.

No final daquele mês o ministro das Infraestruturas e da Habitação, Miguel Pinto Luz, indicou que as negociações com a ANA para a construção do aeroporto começariam nos dias seguintes. Até agora, no entanto, o início das obras ainda não foi anunciado, embora a coordenadora pela Comissão Técnica Independente (CTI) do novo aeroporto, Rosário Partidário, tenha garantido à Agência Lusa em junho que, "com um bom planeamento", o aeroporto possa estar pronto até 2030, quando Portugal receberá partidas do Campeonato do Mundo de Futebol da FIFA.

nuno.tibirica@dn.pt

Normalização de agendamentos nos consulados dentro de 12 a 18 meses

DEMORA Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas promete trabalhar na agilização dos atendimentos nos consulados portugueses no estrangeiro. Em Buenos Aires já houve protestos de portugueses pelas demoras, em alguns casos de mais de três anos.

O governo português calcula que o atendimento nas secções consulares só será normalizado dentro de, pelo menos, um ano, depois de implementadas todas as medidas que permitam agilizar agendamentos, atualmente com demoras de até dois anos. "Sinceramente, espero que dentro de um ano a um ano e meio consigamos ter uma situação muito diferente da que temos hoje. Provavelmente ainda não teremos todos os problemas resolvidos, mas pelo menos os agendamentos nas secções consulares podem estar normalizados nesse prazo", aponta o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário.

Quanto à normalização dos processos que não dependem do Ministério dos Negócios Estrangeiros, José Cesário diz: "Não posso comprometer-me com um prazo, porque as coisas não dependem só de mim. Há uma área do atendimento consular, quanto aos processos despachados, que depende do Ministério da Justiça, sobretudo os processos de inscrição de nacionalidade, o modo como são despachados no Instituto de Registos e do Notariado. Trabalharemos nessa área."

Quanto aos procedimentos tendentes à normalização do atendimento, listou alguns em andamento, como a substituição dos computadores de todos os funcionários, a modernização dos equipamentos de leitura eletrónica de dados biométricos, muitos dos quais atualmente avariados, e a contratação de mais de 80 funcionários, a serem admitidos nos postos consulares com maiores problemas, entre os quais o de Buenos Aires, que ganhará um reforço, passando a quatro funcionários.

No ano passado o posto na capital argentina foi alvo de protestos por parte de cidadãos portugueses, que acumulavam anos sem conseguirem agendar um atendimento. Em alguns casos a espera passava dos três anos.

DN/LUSA

Hospital de Ponta Delgada reabre 10 enfermarias

REABILITAÇÃO Após a destruição parcial por um incêndio, em maio, hospital açoriano retoma serviços.

O Hospital do Divino Espírito Santo (HDES), em Ponta Delgada, alvo de um incêndio em maio, reabriu as 10 enfermarias da ala nascente sul, num total de cerca de 200 camas.

As enfermarias da ala nascente sul incluem a unidade do doente crítico, totalizando cerca de 200 camas para internamento de doentes da área médica e cirúrgica, segundo uma nota de imprensa do HDES.

Na segunda-feira vão ser recebidos os utentes que estão internados nas Casas de Saúde de São Miguel e de Nossa Senhora da Conceição. Na quarta-feira, 17, o HDES receberá os utentes que se encontram internados no Pavilhão Carlos Silveira, o qual "será encerrado de forma imediata após a conclusão da mudança".

Depois da mudança de doentes, vão manter-se fora das instalações do hospital as respostas de internamento do Centro de Saúde da Ribeira Grande, Clínica do Bom Jesus e CUF-Açores. Ao nível das urgências, e em coordenação com a Unidade de Saúde da Ilha de São Miguel, foram reforçadas para a população as respostas para as situações pouco urgentes e não urgentes, com a abertura dos serviços de atendimento urgente na Lagoa, até às 20h00, e em Ponta Delgada, até às 23h30.

Oliveiras e medronheiros ganham terreno às chamas no concelho do Sardoal

FOGOS Nas aldeias deste concelho do distrito de Santarém a vegetação altamente combustível, como eucaliptos e pinheiros, está a ser substituída. O programa Aldeia Segura garante que, em caso de incêndio, a população será protegida.

TEXTO **SOFIA BRANCO***

Os eucaliptos e pinheiros estão a ser substituídos, nas aldeias do concelho do Sardoal, Santarém, por oliveiras e medronheiros, espécies mais eficazes na contenção dos incêndios. As árvores que estavam demasiado próximos da estrada estão agora reduzidos a cotos de tronco. São as faixas de contenção secundária, da responsabilidade das autoridades locais (as primárias são desbravadas pelo Estado central e também há algumas por ali).

Ainda assim é difícil manter o terreno totalmente limpo daquelas duas espécies muito inflamáveis, que renascem rapidamente e custam a eliminar, explica Nuno Morgado, comandante dos bombeiros municipais e coordenador municipal da proteção civil no concelho do Sardoal.

Criado em 2018, o programa Aldeia Segura propõe estratégias de proteção dos aglomerados populacionais em caso de incêndios rurais e é executado no terreno por câmaras municipais, juntas de freguesia e Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil. Situado num dos distritos com maior adesão ao Aldeia Segura, Pessoas Seguras, Sardoal, com 95 quilómetros quadrados e 3700 habitantes, gasta "perto de 10% do orçamento municipal em proteção civil". Nuno Morgado destaca que o programa tem no concelho uma aplicação de "quase 100%". A sinalética espalhada pela freguesia de Alcaravela – com 14 aglomerados, todos no programa – não deixa dúvidas: há pontos de refúgio (exteriores), de abrigo (interiores) e de encontro (geralmente postes ou muros perto de paragens de autocarro, nos locais onde não existem condições para refúgios ou abrigos).

> *"O oficial de segurança tenta, no ato dos fogos, proteger as pessoas, levá-las para sítios onde elas estejam em segurança, para não correrem riscos."*
>
> **Hugo Gaspar**
> *Oficial de segurança*

Hugo Gaspar e Fernando Inácio são os dois voluntários que prestam serviço enquanto oficiais de segurança local da aldeia de Santa Clara. "O oficial de segurança local tenta, no ato dos fogos, proteger as pessoas, levá-las para sítios onde elas estejam em segurança, para não correrem riscos", explica Hugo Gaspar, 48 anos, dono de uma empresa florestal. "Tenho de saber as pessoas que moram aqui, se há ou não pessoas acamadas ou com mobilidade reduzida, para serem retiradas para o abrigo, ou, caso seja preciso, serem retiradas com meios das forças de segurança", explica, tendo nas costas o Largo da Feira, ponto de refúgio. Fernando Inácio, 59 anos, montador de peças automóveis, lembra-se de "incêndios terríveis, que chegaram de noite, vindos de outros concelhos, quando nem bombeiros havia". Recordando que "ainda há um bocadinho de distância de aldeia para aldeia, diz que é essencial a partilha de informações entre todos os oficiais de segurança local.


FOTOS JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Nuno Morgado, comandante dos bombeiros municipais e coordenador da proteção civil local.


Nas aldeias há oficiais de segurança para apoiar a população.

O concelho tem sido poupado de facto a grandes incêndios desde que o programa foi criado, e por isso Hugo e Fernando – dois dos 2095 oficiais de segurança local – ainda não tiveram de entrar em ação. Mas isso não se deve apenas à sorte, acreditam, mas a uma séria aposta na prevenção.

O território – confirma o autarca Miguel Borges, eleito pelo PSD – "mudou bastante" desde a tragédia de 17 de junho de 2017 nos concelhos de Pedrógão Grande, Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos que matou 66 pessoas. "Tentamos sensibilizar as pessoas para que substituam certas árvores por espécies agrícolas", que evitam a perda de rendimento e, simultaneamente, protegem pessoas e bens, porque "podem retardar a evolução do incêndio", realça, mencionando "uma grande vinha no Sardoal que impediu que o último incêndio chegasse às habitações".

** Jornalista da agência Lusa.*

Roteiro Sudoeste 2024

FOTOGRAFIA **GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS**

De São Torpes até ao cabo de Sagres, o Sudoeste Alentejano é um destino de eleição e com muito para descobrir, com praias paradísiacas, casos de Aljezur e Odeceixe, restaurantes com os melhores pitéus e paisagens lindíssimas. Vale bem a pena um passeio de fim de semana ou umas férias neste verão.





















Descida do IVA por cumprir e instabilidade legislativa travam construção para arrendar

HABITAÇÃO Há dezenas de investidores interessados em desenvolver projetos *built-to-rent* no país e a Sonae Sierra é um deles. Mas as intenções esbarram na falta de garantias e de incentivos. Em Espanha, conceito está em forte expansão.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

Há largas dezenas de investidores, nacionais e internacionais, que querem investir no *built-to-rent* (BTR)" em Portugal, afirma convictamente Hugo Santos Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários (APPII). No entanto, o atual quadro fiscal e a instabilidade legislativa estão a travar o desenvolvimento destes projetos. Na Europa, nomeadamente em Espanha, este modelo é hoje "uma das maiores dinâmicas de investimento" residencial.

Só na Comunidade de Madrid estão em construção 30 mil fogos de iniciativa privada e mais oito mil em parcerias público-privadas. A espanhola Kronos Homes, com atividade em Portugal, constituiu uma *joint venture* com a Nuveen Real Estate para a construção de cinco mil fogos no país vizinho, num investimento de mil milhões de euros, adianta o CEO da promotora. Sob a marca Stay by Kronos, tem em desenvolvimento cinco projetos, distribuídos por Madrid, Valência, Barcelona e Pamplona, e quatro em operação (Córdoba, Tarragona, Madrid e Valência).

Segundo o gestor, esta aposta surgiu após uma análise ao mercado. "Verificámos que havia uma procura crescente de arrendamentos contra uma oferta muito reduzida", explica. E o modelo "tem sido muito bem recebido pelos espanhóis". Como adianta, "o primeiro edifício em Tarragona abriu as portas com 100% de ocupação e o mesmo aconteceu em Valência. Neste momento registamos taxas de ocupação em Tarragona, Torrejona e Valência de 100% e em Córdoba de 90%".

Apesar da experiência adquirida e do sucesso que o Stay by Kronos está a ter em Espanha, a promotora não equaciona exportar o modelo para Portugal, mesmo admitindo que projetos BTR seriam "atrativos para o país". Como sublinha o gestor, "para construir é preciso mais terrenos disponíveis, mais mão-de-obra no setor da construção, e outras questões, nomeadamente políticas, legislativas e fiscais, para viabilizar investimentos neste sentido".

E diz mesmo que "construir para arrendamento sem redução do IVA é impossível". Esta "é a medida absolutamente essencial" para dinamizar projetos BTR e, desta forma, responder ao problema da falta de habitação no país.



LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

Mercado de arrendamento residencial em Portugal tem pouca oferta.

> A promessa de descida do IVA na construção para 6%, que consta do pacote para a habitação Construir Portugal, tarda em ser cumprida, lembra a associação dos promotores imobiliários.

Mas a promessa da descida do IVA na construção para 6%, que constava do caderno eleitoral da AD, do programa do governo e do pacote para a habitação Construir Portugal, lembra, tarda em ser cumprida e até já parece que não vai sair do papel. "Foi com grande surpresa que vimos a declaração do ministro das Finanças", afirma. Na passada quarta-feira, Miranda Sarmento declarou ser "uma medida difícil de modelar" e pôs em causa a sua efetiva repercussão nos preços da habitação.

O presidente da APPII aponta também o dedo ao quadro legislativo do arrendamento, que não "aconselha" o investimento em BTR e é "instável e desequilibrado" para dar garantias a projetos pensados a 30 ou 40 anos. "O plano de negócios torna-se imprevisível. Se assumirmos que o arrendamento é uma forma eficaz de responder ao problema da falta de habitação, por que não criar uma legislação específica para o BTR como se fez para a reabilitação urbana, com um enquadramento fiscal que potencie o desenvolvimento destes projetos. Ainda não sentimos da parte do poder político um verdadeiro desejo de resolver o problema. É preciso coragem política do governo e um consenso com os principais partidos."

Ricardo Sousa, CEO da Century 21, é de opinião que "a promoção de projetos BTR em Portugal é uma estratégia crucial para enfrentar o desafio do acesso à habitação, criar mais opções ajustadas às necessidades da população e ajudar na criação de um mercado de arrendamento mais formal, estável e acessível". A consultora tem recebido promotores, principalmente internacionais, interessados em desenvolver estes projetos em concelhos das Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto. "Os investidores têm confiança no modelo, tendo em conta o sucesso que tem tido em países como Espanha, Suíça, Alemanha ou Áustria", mas "a legislação atual, o enquadramento fiscal e o histórico de instabilidade nesses regulamentos afastam os principais investidores da opção BTR", diz.

No final de junho o governo publicou em *Diário da República* a lei que vai permitir descontos no IRS ou no IRC a quem invista em fundos imobiliários de apoio ao arrendamento acessível. Ricardo Sousa considera ser um "ponto de partida", mas "será necessário mais tempo e estabilidade legislativa e fiscal para que Portugal consiga atrair este tipo de investimento com a escala necessária". Como sublinha, "é uma questão de confiança". E explica: "Os investidores, sejam nacionais ou internacionais, analisam diversos fatores quando consideram investir num país. Entre eles está a estabilidade. Precisamos de um ambiente estável e previsível, com políticas sólidas e sustentáveis, para gerar esta confiança e atrair cada vez mais investidores para o desenvolvimento deste tipo de projetos."

A Sonae Sierra já anunciou a sua intenção de desenvolver projetos BTR no país, modelo que acredita irá "contribuir positivamente para o mercado da habitação". Neste momento a empresa está a trabalhar na "concretização de um conjunto de parcerias para o desenvolvimento destes edifícios", diz Alexandre Fernandes, diretor executivo de desenvolvimento, sem adiantar mais pormenores. Contudo, não deixa de admitir que são projetos complexos. Como afirma, "acreditamos que, apesar dos desafios que este mercado BTR enfrenta, nomeadamente ao nível burocrático, administrativo e fiscal, esta poderá ser uma oportunidade para atrair investimento, desenvolver um produto imobiliário sustentável e adequado ao perfil da procura, contribuindo para mitigar a falta de oferta de arrendamento residencial".

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt


O cenário de destruição após o ataque israelita em Al-Mawasi.

BASHAR TALEB / AFP

Quem é o líder militar do Hamas alvo do ataque que fez 90 mortos?

GAZA Foi a oitava tentativa de Israel matar Mohammed Deif em 20 anos, não sendo ontem claro se terá sido bem-sucedida. Bombardeamento ocorreu em zona considerada "humanitária".

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Mohammed Deif, o líder das Brigadas Al-Qassam e um dos arquitetos do ataque terrorista de 7 de outubro contra Israel, sobreviveu a sete tentativas de assassínio desde 2001. A dúvida ontem era se teria sobrevivido à oitava. As Forças de Defesa de Israel (IDF) alegam que ele era um dos alvos do ataque que, segundo as autoridades de Gaza controladas pelo Hamas, terá matado pelo menos 90 pessoas e feito 300 feridos em Al-Mawasi, uma zona que os israelitas tinham designado como "humanitária", perto de Khan Yunis.

O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, admitiu, numa conferência de imprensa, que não tinha "a certeza absoluta" de que tinham matado Deif, um dos homens mais procurados por Israel, ou Rafa Salameh, comandante da brigada do Hamas em Khan Yunis, que seria o outro alvo. Mas prometeu que "de uma forma ou de outra" iria matar a liderança do grupo terrorista, alegando que deu luz verde para o ataque após saber que não havia reféns na zona.

Um representante do Hamas alegou mais cedo que Israel mentiu ao dizer que o seu alvo eram os líderes do grupo. "A verdade é que estas alegações são uma tentativa de encobrir a escala do crime e a escala do massacre, de forma a tentar justificar tal massacre, apesar de atacar este número de deslocados não ser justificado por nada", disse Izzat al-Rashq, membro do gabinete político do Hamas, à Reuters. Israel alega ter atingido um "complexo operacional" onde "não havia civis", mas, segundo as autoridades de Gaza, metade dos mortos serão mulheres e crianças.

38.443

Mortes Desde o início da guerra já terão morrido 38.443 pessoas nos ataques israelitas ao enclave palestiniano, segundo as autoridades controladas pelo Hamas.

Mas afinal quem é Deif, que há mais de duas décadas tem escapado às autoridades israelitas e por isso tem um estatuto quase mítico na Faixa de Gaza? O líder das Brigadas Izz ad-Din al-Qassam, o braço militar do Hamas, nasceu em 1965 no campo de refugiados de Khan Yunis. Mohammad Masri, o seu verdadeiro nome, tornou-se Mohammed Deif após aderir ao grupo terrorista durante a primeira Intifada (revolta ou levantamento popular), que começou em 1987. Dois anos depois terá sido detido e passado 16 meses na prisão, fundando em seguida as Brigadas Al-Qassam com o objetivo de capturar soldados israelitas.

Estudou Física, Química e Biologia na Universidade Islâmica de Gaza, sendo acusado por Israel de planear uma série de atentados à bomba que mataram dezenas de israelitas nos anos 90. Numa das sete tentativas de assassínio a que sobreviveu, em 2002 ficou sem um olho e noutra ficou ferido com gravidade na perna. Em 2014, a mulher, a filha de três anos e o filho de sete meses morreram num ataque.

Deif não é visto em público há anos e não existem muitas fotografias suas. É considerado, junto com o líder do Hamas na Faixa de Gaza, Yahya Sinwar, um dos arquitetos dos ataques de 7 de outubro, no qual Israel diz que morreram cerca de 1200 pessoas (a maioria civis) e foram raptadas outras 240. Destas, 120 ainda estarão nas mãos do grupo terrorista, pelo menos 42 delas já mortas.

No dia do ataque, o Hamas divulgou uma rara mensagem áudio de Deif a anunciar o que dizia ser a Operação Dilúvio de Al-Aqsa, em retaliação pelos raides israelitas contra a mesquita em Jerusalém (um dos locais mais sagrados do Islão). Falando num tom calmo, o líder militar do Hamas alegava que Israel tinha sido avisado para parar os seus crimes contra os palestinianos, libertar os prisioneiros e parar a construção de colonatos. "Tendo em conta a orgia da ocupação e a sua rejeição das leis internacionais e resoluções, tendo em conta o apoio norte-americano e ocidental e o silêncio internacionais, decidimos acabar com isto", dizia.

A resposta israelita foi o início da guerra na Faixa de Gaza – que já causou mais de 38 mil mortos –, com Netanyahu a prometer matar Sinwar, Deif e o seu número dois, Marwan Issa. Este último terá sido morto num ataque em março. A morte de Deif seria uma vitória para o primeiro-ministro, que está a ser pressionado a aceitar um acordo de cessar-fogo que permita a libertação dos reféns.

O líder israelita insistiu ontem que só põe fim à guerra quando os objetivos tiverem sido alcançados, entre eles destruir as capacidades militares do Hamas, e este seria um passo nesse sentido. Contudo, também poderia ser uma desculpa para o Hamas endurecer a sua postura nas negociações, que continuam num impasse.

susana.f.salvador@dn.pt

O "escândalo das joias" é apenas o último problema de Bolsonaro

BRASIL Indiciado pela polícia por associação criminosa e lavagem de dinheiro por desvio de itens valiosos oferecidos ao Estado brasileiro, ex-presidente responde ainda por falsificação de cartão de vacinação e golpe de Estado.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

A Polícia Federal do Brasil (PF) indiciou esta semana Jair Bolsonaro pelos crimes de associação criminosa, lavagem de dinheiro e apropriação de bem público, pelo desvio de joias do Estado brasileiro. Se a Procuradoria-Geral da República avaliar, num prazo de 15 dias, que o caso pode resultar em denúncia, o ex-presidente do país torna-se réu e arrisca uma pena de prisão até 25 anos por aqueles crimes. Entretanto, esse não é o único problema na justiça que o atormenta.

No caso das joias, a PF afirma, num relatório entretanto tornado público, que Bolsonaro desviou itens cujo valor de mercado chega a 6,8 milhões de reais [cerca de 1,15 milhões de euros]. As joias em causa são duas esculturas, um colar, um par de brincos, um anel, três relógios e duas canetas em ouro oferecidas pelo governo da Arábia Saudita ao Estado brasileiro.

Para a polícia, as provas apontam a existência "de uma associação criminosa voltada para a prática de desvio de presentes de alto valor recebidos em razão do cargo pelo ex-presidente da República Jair Bolsonaro e/ou por comitivas do governo brasileiro, que estavam atuando em seu nome em viagens internacionais". Esses presentes eram, ainda de acordo com o relatório, entregues por autoridades de outros países, vendidos no estrangeiro, convertidos em dinheiro em espécie e incluídos no património pessoal de Bolsonaro sem utilização do sistema bancário formal, "com o objetivo de ocultar a origem, a localização e a propriedade dos valores".

OS CASOS

JOIAS
Ponto da situação: indiciado, aguarda análise da PGR.
Eventuais crimes: associação criminosa, lavagem de dinheiro, apropriação de bem público.
Pena potencial: até 25 anos.

FALSIFICAÇÃO DE CARTÃO
Ponto da situação: indiciado, aguarda análise da PGR.
Eventuais crimes: associação criminosa e inserção de dados falsos em sistema de informações.
Pena potencial: até 15 anos.

CASO DO 8 DE JANEIRO
Ponto da situação: investigado.
Eventuais crimes: associação criminosa, tentativa de golpe de Estado, tentativa de abolição do Estado democrático de direito.
Pena potencial: até 23 anos e inelegibilidade por 30.

De acordo com a polícia, as investigações trouxeram indícios de que "os proventos obtidos por meio da venda ilícita das joias desviadas do acervo público brasileiro" retornaram para o património de Bolsonaro e da sua família por meio de lavagem de dinheiro, enquanto ele estava nos EUA, no início de 2023, meses depois de ter sido derrotado nas eleições presidenciais por Lula da Silva, ainda em 2022. Afirma, aliás, que esse dinheiro serviu para custear as despesas dele e da família nos EUA.

Ainda segundo o relatório policial, as ordens para a venda das joias partiram diretamente de Bolsonaro para os seus auxiliares, como fica evidente numa troca de mensagens entre ele e o seu ex-ajudante de ordens, o tenente-coronel Mauro Cid, em que este manda um *link* de um leilão e o ex-presidente responde "selva". O termo é uma forma de saudação no Exército do Brasil que equivale a "OK". A PF relatou também que durante a análise ao telemóvel de Bolsonaro foram encontrados históricos de navegação da página da empresa Fortuna Auction, responsável pelo leilão.

"As declarações prestadas por Osmar Crivelatti [outro auxiliar de Bolsonaro e capitão do Exército], Mauro Cesar Lourena Cid [pai de Mauro Cid e general do Exército] e pelo colaborador Mauro Cesar Barbosa Cid corroboram os demais elementos de prova colhidos, demonstrando, de forma inequívoca, que as esculturas douradas de um barco e uma palmeira, presentes entregues por autoridades estrangeiras ao ex-presidente da República Jair Bolsonaro, foram intencionalmente subtraídas do acervo público brasileiro por determinação do ex-presidente para serem vendidas ilegalmente nos EUA", resume a polícia. Além de Bolsonaro, mais 11 pessoas, entre as quais o seu ex-ajudante de ordens, dois dos seus advogados e o seu ex-ministro de Minas e Energia, quase todos com ligação às Forças Armadas, foram indiciados na investigação.

Paulo Cunha Bueno, advogado de Bolsonaro no caso, afirmou em nota que o ex-presidente "em momento algum pretendeu se locupletar ou ter para si bens que pudessem, de qualquer forma, ser havidos como públicos".

Além do desvio de joias, Bolsonaro tem, entretanto, outros problemas na justiça. Já foi declarado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral até 2030 por ataques e mentiras sobre o sistema eleitoral e fora indiciado em março pela PF num outro inquérito, envolvendo a falsificação de certificados de vacinas contra a covid-19 para conseguir entrar nos Estados Unidos. Além disso, é alvo de investigações que apuram os crimes de tentativa de golpe de Estado e de abolição violenta do Estado democrático de direito, incluindo os ataques de 8 de janeiro de 2023.

Caso seja processado e condenado pelos crimes de tentativa de golpe de Estado, tentativa de abolição do Estado democrático de direito e associação criminosa, o ex-presidente poderá ser punido com uma pena de até 23 anos de prisão e ficar inelegível por mais de 30 anos.



Bolsonaro poderá ser punido com uma pena de até 23 anos de prisão e ficar inelegível por mais de 30 anos.

EPA/ANDRÉ BORGES



Análise
Germano Almeida

Defesa, dissuasão e interoperabilidade

Não era possível convidar já a Ucrânia para aderir à NATO (à luz do artigo 5.º, os 32 Estados-membros passavam, na prática, a estar em guerra com a Rússia), mas na Cimeira de Washington deram-se passos muito relevantes para aproximar decisivamente os caminhos de Kiev à Aliança Atlântica.

O "pacote substancial" de ajuda à Ucrânia saída do conclave de Washington tem cinco aspetos fundamentais: 1) fornecimento de assistência e formação; 2) compromisso de longo prazo para continuar o apoio sustentado à Ucrânia, com o fundo permanente de 40 mil milhões de euros anuais; 3) medidas de apoio imediato, incluindo a nível de defesa aérea; 4) novos acordos de segurança bilaterais; 5) intensificação do trabalho em matéria de interoperabilidade (não valeria a pena munir a Ucrânia de equipamentos complexos se eles não fossem compatíveis no campo de batalha).

Kaja Kallas, ainda primeira-ministra da Estónia e futura Alta Representante da UE para a Política Externa, lançou o mote, ainda antes do início dos trabalhos, sobre os cinco pontos que seriam fundamentais para o sucesso desta cimeira: 1) avançar para uma situação em que o triunfo da Ucrânia e dos membros da NATO seja inevitável; 2) manter a ameaça da Rússia como centro das prioridades da Aliança; 3) colocar como conceitos-chave da NATO para os próximos anos a "defesa" e a "dissuasão"; 4) aumentar de forma robusta os nossos gastos de defesa; 5) parcerias globais de defesa.

A cimeira viria a responder afirmativamente a estas cinco metas.

O pacote de apoio à Ucrânia – que deverá fixar uma ajuda dos aliados de 40 mil milhões de euros por ano – implicará que a NATO assuma a tarefa de coordenar a ajuda militar que este país recebe para se defender da invasão russa, bem como as iniciativas de treino, formação, coordenação, equipamento, logística e desenvolvimento de forças, através de um comando liderado por um general de três estrelas e com cerca de 700 pessoas a trabalhar numa sede da NATO na Alemanha, em Wiesbaden. Os atuais 300 mil soldados que a NATO colocou em prontidão nos meses seguintes à invasão russa da Ucrânia receberão um incremento de pelo menos 200 mil, de modo que se chegue a um número próximo do meio milhão. Poderão ser precisas mais 35 a 50 brigadas (compostas por entre três e sete mil soldados) para garantir que as várias regiões da UE fiquem protegidas em caso de conflito.

A ideia de "dissuasão integrada europeia" teve outros dois elementos fundamentais saídos desta cimeira. O primeiro tem a ver com o desenvolvimento de mísseis de longo alcance como forma musculada de mostrar a Moscovo que o espaço NATO está devidamente apetrechado para se defender. Como lembrou Zelensky na véspera da cimeira, "a paz garante-se mostrando ao inimigo a nossa força, por forma que este perceba que a agressão não compensaria".

Alemanha, França, Itália e Polónia assinaram documento em que expressam as suas intenções de construir novos mísseis de longo alcance, de pelo menos 500 quilómetros, justificando a decisão com a guerra na Ucrânia, que expôs uma falta destes equipamentos nos arsenais europeus. No caso alemão, é de destacar o projeto conjunto com os EUA para o desenvolvimento, a partir de 2026, de mísseis norte-americanos de médio e longo alcance colocados em território alemão. A Rússia, claro, promete "resposta militar" caso tal se concretize. Uma eventual vitória de Donald Trump pode deitar abaixo a intenção germano-americana.

Biden prometeu a Zelensky o oitavo pacote norte-americano de ajuda: 225 milhões de dólares para a Ucrânia, muito focado em renovar as munições. Zelensky agradece: "Cada acordo que assinamos deixa-nos mais fortes." Mas pede o levantamento de todas as restrições a ataques em solo russo se querem "que a Ucrânia ganhe".

No plano da defesa antiaérea, as novidades passaram por seis baterias de defesa (quatro delas Patriot) e 85 caças F-16 (alguns deles a operar nos céus da Ucrânia ainda este verão, anunciaram os governos dos Países Baixos e da Dinamarca, que vão fornecer os primeiros aviões).

Viragem a leste

A tendência já tinha começado em Madrid (2022) e Vilnius (2023), mas foi definitivamente consumada agora em Washington, nesta cimeira dos 75 anos, muito pouco virada para um lado "comemorativo" ou "memorial" – em tempo de guerra não dá para olhar muito para o passado, é preciso assegurar o presente e garantir o futuro: o centro de gravidade da Aliança está a fletir para leste.

Os *hubs* militares e logísticos na Polónia e na Alemanha assim o demonstram. A chave está no "caminho irreversível" da entrada da Ucrânia como elemento crucial para a segurança euro-atlântica.

Em Vilnius já se tinha alegado que "o futuro da Ucrânia será na NATO", Washington decretou essa "irreversibilidade".

"Irreversibilidade", mas com prudência

Foi uma vitória para Zelensky, mas deve ser encarada com prudência: em abril de 2008, na cimeira de Bucareste, com George W. Bush a terminar o segundo mandato na Casa Branca e quatro meses antes da agressão das tropas de Putin na Ossétia do Sul e na Abecásia, à Geórgia foi oferecido esse caminho "irreversível" – 16 anos depois, não só não se concretizou como a possibilidade deixou de estar em cima da mesa.

> **"Ficou reforçada a tese de que muito mais caro que os 40 mil milhões de euros anuais à Ucrânia seria não os fornecer e arcar com as consequências de uma Rússia imperial.**

Ficou reforçada a tese de que muito mais caro que os 40 mil milhões de euros anuais à Ucrânia seria não os fornecer e arcar com as consequências de uma Rússia imperial, vencedora na Ucrânia, que impusesse a Kiev uma satelização a Moscovo idêntica à da Bielorrússia (que acolhe, de forma provocadora, exercícios militares conjuntos com a China, às portas da Polónia).

2% já não vão chegar

O novo governo do Reino Unido quis marcar o tom: desafiou os parceiros a alocarem 2,5% para a Defesa – agora que 23 dos 32 Estados-membros já atingiram o compromisso de 2%, que terminava em 2024.

Portugal – tal como Espanha – está nos nove que não conseguiram atingir o objetivo dentro do prazo celebrado há dez anos. O governo português comprometeu-se a aumentar o investimento em defesa em 2029 para 6 mil milhões de euros, de modo a chegar por essa altura aos 2%.

A questão é que, por essa altura, as necessidades de investimento em defesa dos Estados-membros deverão estar pelos 3,5% ou mesmo 4% – entre o esforço conjunto de dissuadir a Rússia e os desafios vindos de outras geografias, sobretudo as investidas da China no Indo-Pacífico. A presença neste Cimeira de Washington de parceiros dessa zona do globo, como Japão, Coreia do Sul, mesmo Austrália e Nova Zelândia, assim o sinaliza.

O aviso, vertido na declaração escrita, a Pequim para que deixe de ser um "facilitador" da guerra russa na Ucrânia é ponto fundamental para percebermos esse risco de alastramento da ameaça. A NATO, que já tinha colocado a China como "desafio sistémico" na Cimeira de Madrid, subiu o tom do alerta, mostrando a Pequim que é incompatível, até paradoxal, estar a promover relações comerciais com países da UE e até com os EUA e, ao mesmo tempo, ajudar a Rússia na agressão à Ucrânia, com os semicondutores (fundamentais para o fabrico de mísseis) e com material de duplo uso (a coberto de utilização civil, ser usado para fins militares).

O resultado desta guerra vai influenciar a segurança global durante décadas. O tempo de defender a Liberdade e a Democracia é agora. O local é a Ucrânia.

Especialista em política internacional.

"Armada Invencível" parte favorita mas história está cheia de surpresas

EURO2024 Espanha e Inglaterra decidem este domingo em Berlim quem sucede à Itália como campeão continental. Coletivo de *La Roja* tem sido mais forte, mas as individualidades ao serviço de Southgate levaram equipa à final. Atenções vão estar viradas para Lamine Yamal e Bellingham.

TEXTO **NUNO COELHO**

Trinta dias depois do pontapé de saída e ao fim de 50 jogos e 114 golos, chega este domingo ao fim o Campeonato da Europa 2024, com Espanha e Inglaterra a decidirem quem fica com o troféu e o estatuto de campeão do Velho Continente. No majestoso palco do Olympiastadion, a equipa de Luis de la Fuente parte como favorita e tornar-se na primeira seleção europeia a sagrar-se quatro vezes campeã continental, tendo pela frente uma equipa orientada por Gareth Southgate que joga a sua primeira final fora de Wembley, e está desejosa de conseguir levar para a "casa" do futebol, a segunda taça da história.

Para quem seguiu o torneio, um triunfo de *La Roja*, até aqui uma "Armada Invencível" nos relvados alemães, seria a sequência natural da competição. Desde o seu primeiro jogo, frente à Croácia, que a Espanha foi sempre a melhor equipa, somando por vitórias os jogos que disputou (13 golos marcados e apenas três sofridos), apenas necessitando de um prolongamento perante o conjunto da casa naquela que foi uma espécie de final antecipada. Com um onze base bem definido desde o início, a equipa de De la Fuente nunca vacilou. Uma defesa segura, um "farol" como Rodri a meio-campo (talvez o jogador mais influente do Europeu) e duas setas nas alas (Nico Williams e, claro, Lamine Yamal, que celebrou este sábado o seu 17º aniversário e se tornou no mais jovem de sempre a jogar e a marcar num Europeu – e que golo apontou à França!), fizeram com que a Espanha até quase "dispensasse" um goleador. O avançado titular, cujas prestações foram muito criticadas e levaram o técnico a dizer "Somos todos Morata", foi apenas mais uma "vítima" de uma competição em que os "9" se viram aflitos para brilhar.

Aliás, do outro lado estará outro: Harry Kane, capitão da seleção dos "Três Leões". O goleador ainda pode ser o melhor marcador da prova (e acabar com a sua fama de "pé frio", ele que nunca venceu qualquer competição), mas as suas exibições estiveram longe do esperado. Como aliás, as de toda a equipa: a Inglaterra nunca entusiasmou, apesar da reconhecida qualidade individual da maioria dos seus jogadores, e Southgate teve de mudar a sua abordagem tática aos jogos. Mesmo assim, foi melhorando e acabou por beneficiar da inspiração individual de Bellingham (o golo de bicicleta à Eslováquia nos descontos evitou uma eliminação nos oitavos), Saka (frente à Suíça, que acabou num desempate por penáltis) e Watkins (que saltou do banco para abater os Países Baixos) para chegar a Berlim.

Com três vitórias e três empates e 7-4 em golos, dificilmente se pode considerar a Inglaterra favorita (só bate estatisticamente a Espanha nos passes certos com uma percentagem de 90,3 contra... 90). Mas o que não falta na história do futebol são *underdogs* vitoriosos, apesar de campanhas menos exuberantes e basta lembrar a Grécia em 2004 ou... Portugal em 2016. E, na verdade, os ingleses até partem com vantagem no confronto direto: venceram 13 vezes o seu adversário deste domingo e perderam dez (registando-se ainda quatro empates).

O próprio selecionador inglês reconhece a entrada menos feliz no Europeu. "Acredito que mudámos a nossa forma de jogar durante o torneio. No início tivemos muitos problemas, sobretudo na defesa. Muitos jogadores vinham de lesões. Tentámos encontrar um melhor equilíbrio para os jogadores do ataque, temos grandes talentos e fomos conseguindo encontrá-lo à medida que a competição foi avançando. Estou feliz com o crescimento da equipa", referiu Southgate na antevisão da partida, onde esteve acompanhado por um Kane que "trocaria todos os troféus de melhor marcador por um coletivo, sobretudo se o ganhasse pelo meu país".

Do outro lado, Luis de la Fuente considerou que "o futuro é agora": "Estou orgulhoso de ver o processo que seguimos para chegar até aqui. Ninguém deu nada a esta equipa e temos todo o direito de nos sentirmos orgulhosos. Temos um presente e um grande futuro. Ver um país rendido a esta seleção é qualquer coisa de maravilhoso".

Sobre o favoritismo atribuído à sua equipa, o técnico prefere deixá-lo "para as casas de apostas" e dizer que estão "tranquilos". "Nunca perdemos a perspetiva, estamos centrados naquilo que podemos controlar. Sabemos que não há favoritos, é tudo muito equilibrado. Estamos preparados para lutar pela vitória mas a memória é frágil e desagradecida com os que perdem as finais", vincou.



LAMINE YAMAL
ESPANHA
17 anos
Avançado
6 jogos/418 minutos
1 golo
16 tentativas de golo
3 assistências

JAVIER SORIANO / AFP



JUDE BELLINGHAM
INGLATERRA
21 anos
Médio
6 jogos/581 minutos
2 golos
5 tentativas de golo
0 assistências

OZAN KOSE / AFP

Pavlidis bisa em 45 minutos no empate com o Celta de Vigo

BENFICA Águias venciam por 2-0 ao intervalo, mas na segunda parte, em quatro minutos, consentiram dois golos.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

E ao segundo jogo da pré-temporada, e depois de uma goleada, o Benfica empatou ontem a dois golos com o Celta Vigo, num jogo particular realizado em Águeda. O reforço grego Pavlidis, que já tinha faturado na véspera diante Farense, esteve em destaque, ao apontar os dois golos durante a primeira parte (depois foi substituído ao intervalo), aguçando assim a esperança dos adeptos que torciam ao nariz ao investimento de 18 milhões de euros feito pela SAD.

O avançado grego abriu o marcador aos 13 minutos, de grande penalidade, após uma falta de Jailson sobre Aursnes. E aos 28' brilhou, ao picar a bola sobre o guarda-redes do Celta Vigo depois de uma assistência de David Neres. E foi antes também protagonista por uma situação que causou alguma apreensão, quando ao minuto 6, numa disputa de bola junto a uma linha lateral, caiu de forma aparatosa de costas numas escadas. Mas tudo não passou de um susto e o avançado voltou ao relvado e até bisou. No primeiro tempo, além de Pavlidis, jogaram também João Mário, Rollheiser e Prestianni.

Na segunda parte, o treinador Roger Schmidt fez entrar um novo onze, onde saltavam à vista nomes como Florentino, Leandro Barreiro, Schjelderup, Marcos Leonardo e Arthur Cabral, e o Celta de Vigo conseguiu chegar ao empate no espaço de apenas quatro minutos.

Primeiro por Iago Aspas, aos 70', com um remate à entrada da área após um mau passe de Florentino. E depois aos 74', por Pablo Durán, num lance onde ficou evidente alguma passividade da defesa benfiquista. Antes do final, Arthur Cabral ainda reclamou uma grande penalidade, mas o árbitro nada assinalou e o empate prevaleceu.



ANNE-CHRISTINE POUJOULAT / AFP

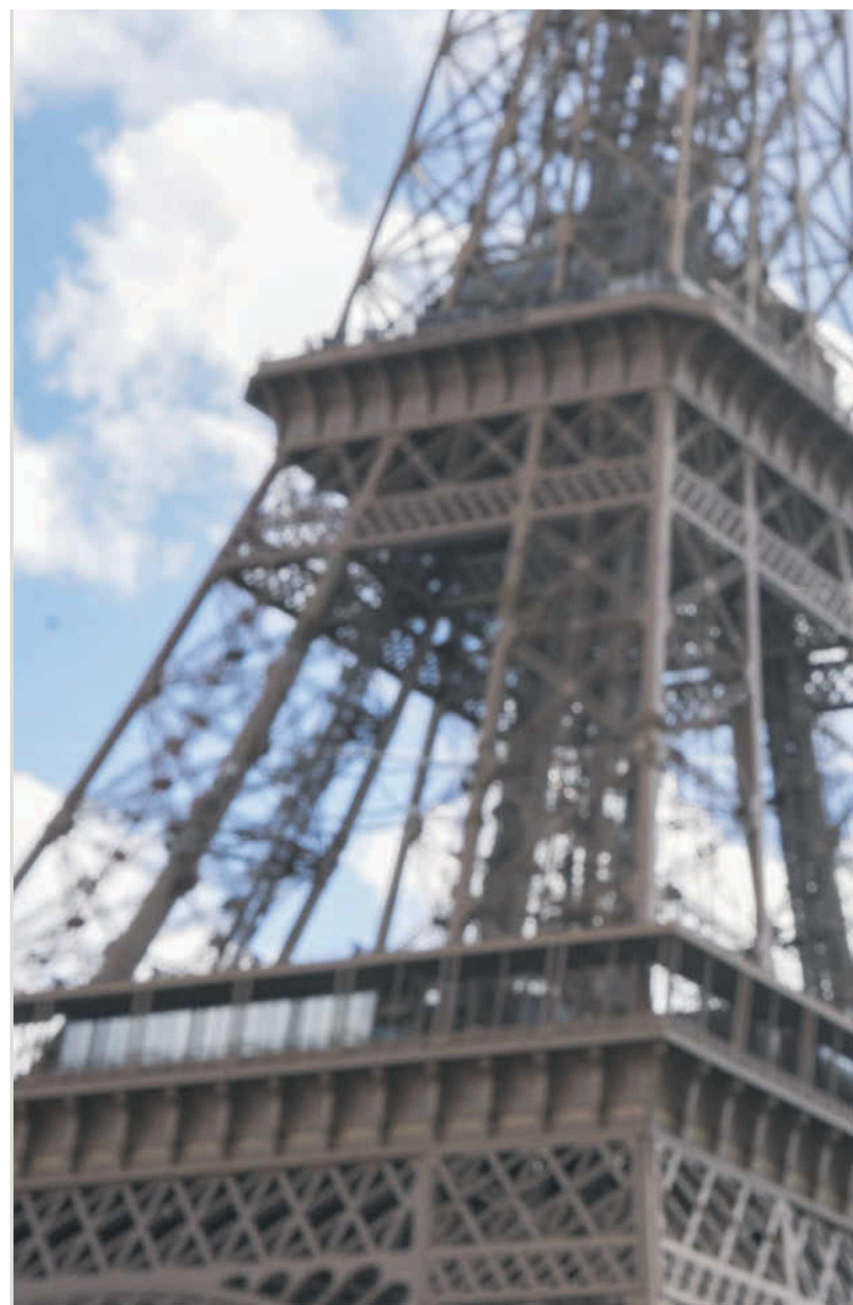
Pogacar vence e reforça liderança

Tadej Pogacar (UAE Emirates) reforçou ontem a liderança da geral da Volta a França ao vencer isolado a 14.ª etapa, no alto de Pla d'Adet, onde o ciclista dinamarquês Jonas Vingegaard (Visma-Lease a Bike) foi segundo – subiu também a segundo da geral, já a 1.57 minutos do camisola amarela. O português João Almeida manteve o quarto lugar da classificação geral e Evenepoel desceu para terceiro. Hoje há nova jornada nos Pirenéus, com 197,7 quilómetros entre Loudenvielle e Plateau de Beille.

Diogo Ribeiro
"Não descanso enquanto não chegar à medalha olímpica, mas não posso garantir que seja em Paris 2024"

NATAÇÃO Campeão mundial dos 50 e 100 metros mariposa, ainda não sente o peso dos títulos: "Sou um campeão do Mundo pouco deslumbrado." Foi o primeiro português a apurar-se para os Jogos Olímpicos e aponta a uma final... para depois sonhar, porque "o trabalho e a recompensa têm andado lado a lado" na sua carreira.

ENTREVISTA **ISAURA ALMEIDA**, em Paris



É o maior fenómeno da natação portuguesa. Começou a nadar com 4 anos e aos 19 é campeão do Mundo dos 50 e 100 metros mariposa. Prepara-se para a estreia olímpica na La Défense Arena, que receberá as provas de natação de 27 de julho a 4 de agosto. Em maio, o nadador do Benfica esteve em Paris, num evento promovido pela Arena, marca de equipamentos que o patrocina, e que juntou jornalistas do mundo inteiro e alguns dos melhores nadadores mundiais para lançar a campanha "Flow like water, but be fueled by fire". E o DN esteve lá.

Estamos num evento que desafia os jornalistas a descobrir o humano por detrás do atleta. E o ser humano Diogo Ribeiro tem uma história de vida brutal, apesar de só ter 19 anos...
Mesmo. A morte do meu pai quando eu tinha quatro anos, o acidente de moto quase fatal que sofri em julho de 2021 e, numa outra dimensão, a difícil adaptação ao Centro de Alto Rendimento do Jamor, quando me mudei de Coimbra com apenas 16 anos e todas as semanas fugia para casa e para o colo da mãe. Tudo isto parece distante, mas são coisas que estão bem presentes na minha memória, mesmo que eu vá ganhando resistência emocional com a idade. Foi a natação que me ajudou a superar todos esses obstáculos. Hoje posso dizer que na piscina sinto-me livre. O dia a dia é complicado por causa dos treinos, mas quando entro na água para treinar deixo de pensar em tudo à volta. É uma sensação boa.

Olhando para o caminho percorrido até chegar a Paris, o que vê?
Vejo tudo isso. Estou perto da estreia nos Jogos Olímpicos e penso em tudo o que passei e conquistei. Por um lado, acho que é fixe estar aqui e, por outro, penso no que já passei e todo o trabalho que tive para o conseguir. E é isso que também dá alguma força, alguma não, muita força, para continuar a fazer o que eu mais gosto, que é nadar e chegar em primeiro. Não há sensação melhor! Felizmente, o trabalho e a recompensa têm andado lado a lado.

Ainda há talento para ser trabalhado?
O talento tem de existir, mas o trabalho faz ganhar milésimos de segundo, e isso é tudo na natação. Quem trabalha mais é quem vai ganhar. Eu ganhei o Mundial, mas o oitavo lugar estava a seis décimos. O segundo e o terceiro foi um décimo. Foi uma diferença bastante pequena e numa final bastante equilibrada. Todos em linha quase. E os últimos cinco metros foi o trabalho da chegada que se notou. Quando tinha 14 anos diria que tinha 80% de talento e 20% de trabalho. Porquê? Eu treinava muito bem, mas também faltava muitas vezes, só que chegava às provas e ganhava tudo na mesma. Agora diria 50-50.

Isso não é diminuir um bocadinho o talento?
51% para 49%? (risos)

"Foi a natação que me ajudou a superar todos esses obstáculos. Hoje posso dizer que na piscina sinto-me livre. Quando entro na água para treinar, deixo de pensar em tudo à volta. É uma sensação boa."

Foi campeão mundial em fevereiro e a viagem de férias foi a Paris. Foi a pensar nos JO?
Não. A minha namorada é irmã do *skater* Gustavo Ribeiro, que tinha uma prova em Paris de apuramento olímpico, e foi bom apoiá-lo e passar férias ao mesmo tempo. Paris é uma cidade espetacular e espero que não perca a magia. Pensar nos Jogos Olímpicos nas ruas é fascinante. Tenho pena de não ir ao desfile da cerimónia de abertura, deve ser brutal, mas já decidimos que não vou porque começo a competir logo no início dos Jogos e a cerimónia é cansativa e rouba um dia de treino. Adorava fazer o desfile no rio Sena, mas preciso concentrar-me no que me traz a Paris. Nunca estive nos Jogos, é a primeira experiência, e toda a concentração será pouca. Vou estar a lutar com os mais velhos, a competir entre os melhores do mundo, e espero que



ARENA

corra bem. Estou a fazer por isso, estou a treinar bem. Nunca treinei tão bem.

Isso significa o quê?

Significa que estou confiante em melhorar os meus tempos, pelo menos. Mais confiante no processo, mas com alguns alertas. Sei que estou bem e treinei mais, então tenho de fazer isto bem, porque se correr mal não há justificação. Antes, se calhar, não pensava tanto assim, porque tive momentos menos bons. Quando fui vice-campeão mundial em 2023, tinha tido covid-19 um mês antes, fui um bocado sem expectativas, ou se as tinha não eram muito altas. Porque, lá está, tinha parado, tinha faltado aos treinos. Agora não falho um e mesmo nesta fase com compromissos publicitários e fora do CAR tento sempre arranjar uma piscina para treinar pelo menos uma vez por dia.

A medalha de prata em Fukuoka 2023 disfarçou bem os efeitos da covid-19...

Mas foi complicado, perdi resistência, por isso Fukuoka 2023 não correu bem, nem os 100 m livres, nem os 100 m mariposa, porque são distâncias que exigem um bocadinho mais de resistência. Senti que precisava de resistência e não tinha. Nos 50 m é tudo muito rápido e por isso correu bem e cheguei à medalha de prata. A preparação para os Mundiais Doha 2024 foi melhor, daí ter sido campeão do mundo também nos 100 mariposa. Mas a competitividade nos Jogos Olímpicos vai ser diferente, vão estar lá outros atletas que também são campeões do mundo e alguns medalhados olímpicos que já têm outros níveis de experiência. Mas eu não me vou deixar ficar por aqui, quero lutar para, pelo menos, atingir uma final.

O chefe da Missão, Marco Alves, disse numa entrevista ao DN que o principal barómetro para perceber o potencial desempenho nos JO são os Mundiais. E o Diogo é campeão mundial nos 50 metros mariposa, distância não olímpica, e nos 100 metros mariposa. Saber que já está entre os melhores, a nível psicológico, pode ajudar?

Vou ser sincero. O facto de os 50 m mariposa não serem distância olímpica talvez me dê alguma tranquilidade para chegar depois ao outro patamar, porque posso descansar mais para as outras provas. Os 50 m mariposa foram sempre a minha primeira prova em todos os campeonatos internacionais e eu prefiro que seja assim, porque é a prova que sempre tenho mais oportunidade de ir à medalha. Mas nos Jogos Olímpicos a minha primeira prova serão os 50 m livres e nunca aconteceu isso. Os 50 m livres foram sempre depois dos 50 m mariposa e eu ia sempre cansado para os 50 m livres. Agora vou ter uma oportunidade de fazer os 50 m livres descansado, e, como é a primeira prova, se correr bem, vou ficar contente e continuar. Se correr menos bem, tenho de esquecer isso, basicamente, e concentrar-me nas outras.

Se há um ano dizia estar preparado para a pressão de poder ser o melhor nadador português de sempre, agora que já tem quatro medalhas e já é o melhor português de sempre está preparado para a pressão que se segue... a medalha olímpica.?

Já disse que não descanso enquanto não chegar à medalha olímpica, mas não posso garantir que seja já em Paris 2024. A nível psicológico eu estou bem, acho que sou uma pessoa que lida bem com essas coisas. Já disse isto várias vezes: eu meto tanta pressão em cima de mim que a pressão que vem de fora eu ainda não percebo que a tenho, mesmo agora, depois de ser campeão do mundo e de as pessoas na rua já me abordarem. Sinto reconhecimento, pressão não. Acho que a minha idade me ajuda a não pensar tanto na pressão que as pessoas de fora colocam, mas à medida que sou procurado para eventos, campanhas e ganho prémios vou pensando "OK, tenho de dar resultados, isto não vai ser assim para sempre". Mas ainda estou tranquilo e sereno e quero aproveitar estes Jogos Olímpicos para pensar como se fosse o Mundial, ir para lá tranquilo e a saber que o trabalho foi feito.

> *"A nível psicológico eu estou bem. Já disse isto várias vezes, eu meto tanta pressão em cima de mim mesmo que a pressão que vem de fora eu ainda não percebo que a tenho, mesmo agora, depois de ser campeão do mundo e de as pessoas na rua já me abordarem, sinto reconhecimento, pressão não."*

Agora os adversários já o conhecem e estarão preparados...

Sim, acho que no Mundial de 2023 não estavam bem à espera, era visto como um *outsider* que tinha entrado por sorte e ainda não era muito conhecido. Neste momento já vão olhar para mim e saber que eu posso causar danos e fazer estragos nas ambições deles, então vão ter mais cuidado comigo, já não é aquele olhar de lado e a rir. Por isso é bastante diferente agora. E ainda bem que é assim, porque também me deixa confortável saber que me conhecem, que sabem que eu vou entrar na piscina para lhes ganhar.

E o que vão descobrir se estudarem o seu método?

A chamada, o ponto de viragem, a própria entrada na piscina, tudo isso teve um *upgrade*. Tenho treinado bastante. A parte de nadar está boa, não há muito a melhorar, mas a partida e a fase inicial precisam de ser melhoradas. Eles sabem que sou mau debaixo de água e eu sei que eles vão tentar aproveitar isso para me vencerem.

É mau debaixo de água?

Sim, sou mau. No último Mundial já fui bom, já fui sempre ao lado deles, não me ultrapassaram, nem eu os ultrapassei, foi igual. Mas agora espero que a parte nadada não regrida. É possível equilibrar as duas coisas. Eles podem saber que o meu ponto fraco é a partida, mas espero que não saibam que sou o melhor do mundo nas chegadas, pois assim poderei surpreendê-los.

Há um ano era um adolescente e agora é um jovem adulto. Como tem lidado com essa transformação?

Acho que me tenho adaptado bem. Tanto na vida pessoal como nos treinos, que também são diferentes agora. Sou um campeão do mundo pouco deslumbrado, mas a namorada, a mãe, o Daniel [fisioterapeuta e ex-tutor] e o Albertinho metem o travão quando é preciso. A estrutura familiar é muito importante e valorizo muito quem me rodeia. Sempre que vou a Coimbra tento estar com os meus avós, por exemplo. Conto bastante com a minha família e estamos sempre a falar no WhatsApp. Mesmo com a Rita Gonçalves, ex-nadadora que me ensinou a nadar mariposa e que me levava para casa após os treinos, porque a minha mãe estava a trabalhar e não conseguia ir buscar-me. Vão estar todos em Paris para me verem nos Jogos Olímpicos, como têm estado sempre.

isaura.almeida@dn.pt

A jornalista viajou a convite da Arena.



Kari Sylwan e Harriet Andersson em *Lágrimas e Suspiros* (1972): um filme no feminino.

INGMAR BERGMAN

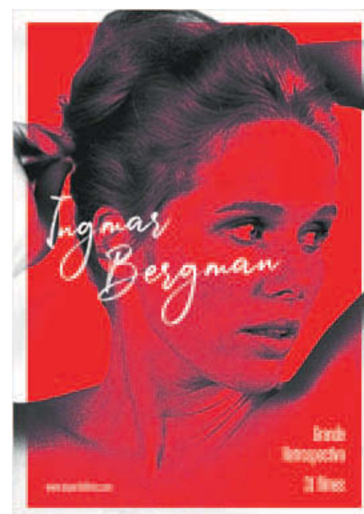
O cineasta de todos os exílios

CINEMA. O maior e mais importante acontecimento do verão cinematográfico é uma retrospetiva dedicada ao cineasta sueco Ingmar Bergman: são 31 filmes (incluindo quatro inéditos no circuito comercial) para conhecer um dos mestres absolutos da história da Sétima Arte — começa hoje e prolonga-se até outubro.

TEXTO **JOÃO LOPES**

É escasso o número de realizadores encarados como símbolos universais do próprio cinema. Haverá quem (incluindo o autor deste texto) reconheça em Jean-Luc Godard o fulgor de um Leonardo da Vinci da nossa modernidade, mas tal epíteto nunca suscitou qualquer consenso. Restam nomes como o francês Jean Renoir ou o americano Orson Welles – através do seu trabalho o cinema foi reconhecido como uma linguagem única, capaz de transcender todas as artes que, da pintura à fotografia, contaminam as suas origens. Resta também a herança imensa e fascinante do sueco Ingmar Bergman, de novo presente nas salas portuguesas através de um ciclo proposto pela Leopardo Filmes.

A retrospetiva de Bergman integra nada mais nada menos que 31 títulos e começa hoje mesmo, em Lisboa, no cinema Nimas (primeira sessão, com *Lágrimas e Suspiros*, às 13h00). A data foi escolhida para assinalar o aniversário do cineasta – nasceu em Upsala, no dia 14 de julho de 1918, tendo falecido durante o sono, na sua casa da ilha de Fårö, a 30 de julho de 2007. Exibindo cópias digitais restauradas, o evento pontuará todo o verão cinéfilo – com calendário repartido por Porto, Coimbra, Braga, Figueira da Foz e Setúbal, entre outras cidades –, prolongando-se até 2 de outubro.



Não se poderá dizer que Bergman seja um desconhecido no contexto português: antes e depois do 25 de Abril, a sua obra de meia centena de títulos (incluindo diversas produções televisivas) teve uma divulgação regular, por vezes com significativo impacto jornalístico e comercial – recordo o exemplo de *Persona/A Máscara* (1966), estreado em finais de 1973 na pequena sala-estúdio que integrava o edifício do cinema Império. Uma coisa é certa: há muito tempo (desde a retrospetiva quase integral realizada em 1989 na Cinemateca) que os espectadores portugueses não tinham a possibilidade de percorrer assim o universo bergmaniano, um verdadeiro continente autónomo no interior da história do cinema.

Teatro & cinema

Não haverá muitos autores de cinema que, de imediato, associemos a um grupo muito especial de atores – e sobretudo de atrizes. No caso de Bergman, tal dimensão não será estranha ao facto de, na sua trajetória, o teatro não existir como mero complemento da atividade cinematográfica. Dir-se-ia que aconteceu o contrário. Se consultarmos o magnífico *site* oficial dedicado a Bergman [ingmarbergman.se], encontramos 77 obras filmadas (incluindo alguns trabalhos documentais e de formato curto), a par de mais do dobro de encenações teatrais: 171, em espetáculos produzidos entre 1938 e 2004.

As obras da década de 60, em particular, são reveladoras do modo como os intérpretes nunca foram para Bergman meros “imitadores” da pluralidade dos comportamentos humanos, existindo face à câmara como mensageiros de um universo de tensões emocionais que resiste a qualquer cliché dramático (seja ele feminino ou masculino). O já citado *Persona* é um marco fundamental de todo esse processo criativo, colocando em cena duas mulheres, Liv Ullmann e Bibi Andersson, marcadas e, mais do que isso, assombradas pelo irredutível poder das palavras: a primeira interpreta uma atriz que, na sequência de um episódio traumático, se recusa a falar; a segunda é a enfermeira que a acompanha,

vivendo um turbilhão de amor e ódio na procura de uma fala que encontre algum eco no comportamento da sua silenciosa companheira.

Também dessa década são, por exemplo, *O Silêncio* (1963) e *A Vergonha* (1968), o primeiro com Ingrid Thulin e Gunnel Lindblom, o segundo com Liv Ullmann e Max von Sydow, ambos construídos a partir de situações de guerra vividas em radical angústia pelos protagonistas. Sem esquecer que, pelo meio, surgiu esse filme desconcertante e divertidíssimo que é *A Força do Sexo Fraco* (1964), retrato sarcástico de um violoncelista virtuoso que, numa paisagem dominada por mulheres, convive com um crítico musical que quer escrever a sua biografia – Bergman revela-se adepto desse desporto universal que consiste em gozar os críticos, num exercício de elegância e crueldade que só pode despertar o nosso sincero entusiasmo.

Histórias de solidão

Todas essas histórias – a que podemos acrescentar a perturbante teia de solidões de que se faz *A Paixão* (1969), com Max von Sydow, Liv Ullmann e Bibi Andersson – são outras tantas "negações" da dimensão espiritual que, se não era procurada, era pelo menos objeto de especulação em filmes "religiosos", como *O Sétimo Selo* (1957) ou *A Fonte da Virgem* (1960). Ironicamente ou não, foram também esses filmes que consolidaram de forma decisiva o prestígio internacional do seu realizador, inclusive nos Óscares de Hollywood.

Ainda que de modo esquemático, poderemos considerar que tal evolução desemboca nas singularidades de dois títulos fulcrais: *Lágrimas e Suspiros* (1972) e *Da Vida das Marionetas* (1980). O primeiro é, por excelência, o filme feminino (não confundir com feminista) de Bergman, colocando em cena um quarteto de notáveis atrizes – Harriet Andersson, Ingrid Thulin, Liv Ullmann e Kari Sylwan – interpretando, respetivamente, três irmãs e a sua criada em cenários de finais do século XIX. O cancro terminal de uma das irmãs (Andersson) é vivido como um labirinto de personagens exiladas num universo austero em que as paredes se apresentam forradas a cor de sangue.

O exílio tornar-se-ia uma questão premente, porque pessoal, quando, em 1976, Bergman foi acusado pelo Estado sueco de fuga aos impostos. Seguiram-se, precisamente, alguns filmes de exílio, desembocando no prodigioso *Da Vida das Marionetas* (1980), produção alemã que talvez se possa definir como uma nova variação trágica, a preto e branco, com duas sequências a cores, sobre o tema obsessivo do casal.

A questão do exílio é, para Bergman, muito mais do que um fator geográfico ou mesmo cultural. Viver é viver exilado da sua própria verdade, ou melhor, consciente de uma dimensão inconsciente em que essa verdade se exprime e de que, perversamente, se alimenta. Ainda assim, o tempo pode ser um bom conselheiro, como é referido nestas palavras autobiográficas: "Agora que recordo o que foi a minha vida, posso afirmar que foram necessários mais de 40 anos para que os meus sentimentos se libertassem da câmara fechada em que viveram. Vivi sempre de recordações de sentimentos, e, embora estivesse consciente de como eles deviam manifestar-se, a minha espontaneidade nunca foi espontânea, houve sempre uma fração de segundo entre a emoção intuitiva e a sua manifestação através da afetividade" (*in Lanterna Mágica*, editora Caravela, 1988).

Meia dúzia de anos antes de escrever estas palavras, aconteceu a reconciliação do cineasta com as autoridades do seu país. Assim, em 1982, de volta à Suécia, Bergman rodou *Fanny e Alexandre*, viagem multifacetada, comovente e angustiada ao mundo da infância. Costumamos dizer que é o filme mais autobiográfico de Bergman, o que, em boa verdade, nos pode fazer esquecer que ele filmou sempre na primeira pessoa – e quanto mais o fez mais tocou a solidão de cada um dos seus espectadores. dnot@dn.pt


Bergman com Christine Buchegger e Robert Atzorn: *Da Vida das Marionetas* (1980), o filme alemão.

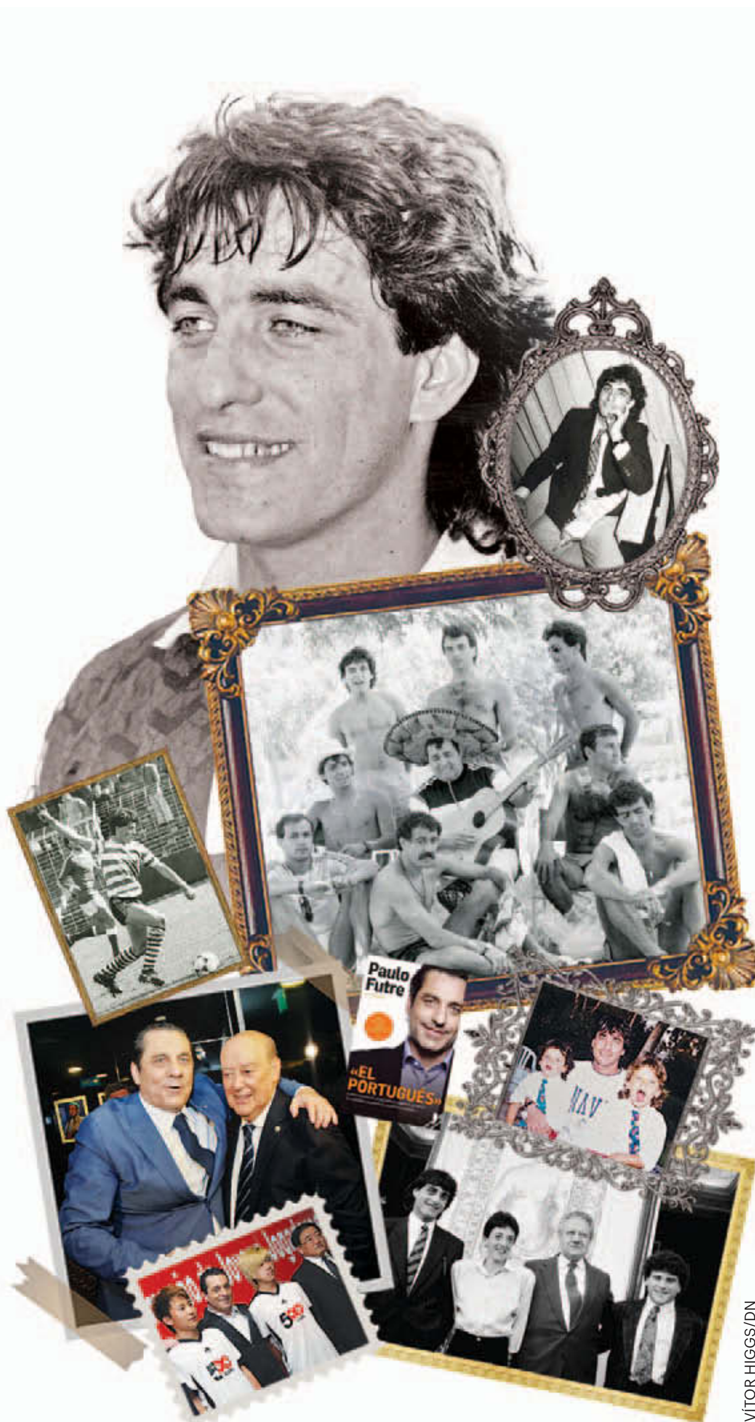
PROVA DE VIDA*

PAULO FUTRE

Antes dos grandes jogos internacionais, fechava-se no balneário a rezar cinco minutos pela sua família, pelo seu país e pelo Dr. Mário Soares. Esta devoção pelo Presidente, algo bizarra, decorria do facto de ter sido ele que o livrara de ser preso como refractário ao serviço militar, para o qual havia sido convocado e que, de resto, nunca cumpriu. Em troca dessa mercê inaudita, Soares pediu-lhe que honrasse a bandeira das quinas e Paulo Futre reciprocou o melhor que pôde, ou soube, jogando 41 vezes e marcando seis golos pela Selecção Nacional de Futebol, que serviu entre 1983 e 1995. Estreou-se em 27 de Abril de 1983, num jogo contra a Finlândia na fase de apuramento para o Europeu de 1984, contava então 17 anos e 204 dias de vida, o que, segundo dizem, constitui um recorde de precocidade ainda hoje intocado.

Antes disso, Paulo Jorge dos Santos Futre viu a luz no Montijo aos 28 de Fevereiro de 1966, e aí cresceu até ter 1,75m de altura e um talento ímpar para lidar com uma bola, que é redonda, no meio de 21 mancebos como ele. Foi dos poucos futebolistas portugueses, talvez o único, a jogar pelos "três grandes" – Sporting (1975-1983 e 1983-1984), Porto (1984-1987) e Benfica (1993) –, mas seria por terras de Espanha, no Atlético de Madrid de Gil y Gil, que conquistou a fama e a fortuna em duas fases distintas: a do auge, 1987-1993, com 163 jogos disputados e 38 golos marcados; e a do declínio, 1997-1998, com 10 entradas em campo, mas sem qualquer golo averbado. De caminho, ainda jogou pelo Olympique de Marselha, em 1993, pela italiana Reggiana, 1993-1995, pelo lombardo Milan, 1995-1996, e pelo britânico West Ham, 1996-1997, terminando a carreira no nipónico Yokohama Flügels, em 1998, onde disputou 13 partidas e marcou três golos. Esse ano de 1998, curiosamente, marcou uma dupla extinção: a do clube Yokohama Flügels, absorvido pelo Yokohama Marinos, seu arquirrival; e a da trajectória artística de Paulo Futre, que, como sucede com muitos dos seus colegas de ofício, na fase derradeira da carreira "nunca atingiu os patamares exibicionais que o notabilizaram", na expressão futeboleira da própria da Wikipédia.

Eis uma inverdade grosseira. Em Março de 2011, Futre regressaria a um patamar exibicional tão grande ou até maior do que aquele que antes mostrara nos relvados, um patamar exibicional que lhe devolveu a glória em crise e que o elevou a píncaros de notoriedade nunca vistos, abrindo-lhe de imediato as portas da novela "Laços de Sangue", onde fez de si próprio, e, mais recentemente, em 2022, da novela "Rua das Flores", onde voltou a fazer de si próprio, como é próprio das personalidades únicas e inconfundíveis, incapazes de serem outras que não elas mesmas, tal a fundura da marca que no mundo deixam e o vinco de carácter que exibem e protagonizam.



VÍTOR HIGGS/DN

Consistiu aquele *turning point* numa histórica conferência de imprensa realizada aos 24 de Março de 2011, no quadro da candidatura do sr. dr. José Eugénio Dias Ferreira à presidência do Sporting Clube de Portugal. Nesse ensejo memorável, hoje disponível em vários *fora*, YouTube incluído (e com quase um milhão de visualizações), Paulo Futre, falando rouco, gesticulando muito, sempre fanfarrão e gingão, anunciava, qual São João Baptista da bola, a contratação salvífica do "melhor jogador chinês da actualidade", cujo nome, porém, não especificou. "Vamos só abrir um departamento para esse jogador chinês", graças ao qual, garantiu, "vai vir *charters* todas as semanas de 400 ou 500 pessoas", tendo o Sporting "comissão dos *charters*, dos hotéis, dos restaurantes, dos museus, etc., etc., etc." Além do chinês misterioso e dos *charters* às dúzias, autêntica árvore das patacas, aquela *rueda de prensa* foi ainda marcada por um outro momento mítico, onírico, piramidal, quando, a dado passo, Futre increpou um jornalista na plateia, pelos vistos mal-comportado, com uma frase célebre, hoje estudada nos manuais de História: "sócio, por favor, estou concentradíssimo." Para uns, delirante. Para outros, visionário. E o certo é que, sem ter conseguido guindar o seu candidato à liderança leonina (Dias Ferreira teve 16,5% dos votos), a estrondosa alocução do atleta do Montijo resgatou-o do esquecimento típico a que são votados os futebolistas na reforma e deu-lhe, por assim dizer, uma segunda e fulgurante vida, agora nos relvados mediáticos e das revistas do coração. Ainda há pouco, Fevereiro de 2024, ficou o país suspenso com a sua desaparição momentânea (cf. "Chegou ao fim o misterioso 'desaparecimento' de Paulo Futre, afastado da TVI há um ano com um contrato de 12 mil euros por mês", *Flash!*, de 27/2/2024), tão habituados estamos à sua assídua presença na mídia, onde tem feito muito e de tudo, sobretudo de si próprio.

É essa a sua maior *trouvaille*, a grande arma secreta: ser autêntico como poucos, mesmo quando polémico ou cáustico. No fundo, continuar a ser, na pose e nos ademanes, no modo de ver o mundo, aquele rapaz pintarolas do Montijo que andava na rua com os "chavalos" do bairro, o Pato, o Ginja, o Zé Goelas, o Carraças, que paravam na Praça da República e dali iam fazer "porcaria" por onde calhasse, fosse a jogar à bola (por vezes à lata, na falta de esférico), fosse a convencer as coleguinhas a despirem peças de roupa no jogo "da garrafa", nas traseiras do liceu, o que valeu a Futre ser apanhado por um contínuo indisposto e disciplinarmente suspenso, facto que o motivou a largar os estudos para sempre.

Além da doideira do futebol e do *underwear* das colegas, Paulo tinha outras paixões desportivas, como o andebol, onde foi guarda-redes da selecção de Setúbal e, até aos 17 anos, jogador da equipa do Parque de Campismo do CCA (Costa da Caparica), o pingue-pongue e o futebol de salão, refere o próprio num livrinho infantil, *Futrinho. A Lenda*, com ilustrações de Ruth Bastardo (Chiado Books, 2013).

Quando era miúdo, a sua família "tinha dificuldades até para comer", conta-nos o astro na sua biografia, escrita a quatro mãos com Luís Aguilar (*Paulo Futre. "El Portugués". A biografia de um dos maiores futebolistas portugueses de sempre*, Livros d'Hoje, 2011). E foi o Ginja que lhe emprestou o B.I. e a identidade falsa para, com o nome de Rogério Paulo Viegas Alves, se inscrever num torneio de futebol 11 organizado pelo Sporting, o "Onda Verde", competição de descoberta de talentos pelo país fora, preparada por uma figura de lenda, Aurélio Pereira, a quem Futre chama, não por acaso, "o maior génio da formação em Portugal e um dos melhores do mundo" (de facto: além de Futre, foi ele quem descobriu Figo, Simão ou Ronaldo, *just to name a*

few). O torneio, porém, era aberto apenas a maiores de 10 anos, mas Paulo só tinha 9 e, por isso, matriculou-se com o nome do Ginja, razão pela qual foi como Rogério Paulo Viegas Alves que subiu ao verde de Alvalade, onde a sua equipa de amadores do Montijo, O Cancela, acabou vergando os leões nos penáltis (o Montijo, diz ele, "era uma terra de futebol", recordando os nomes de José Neto, Celestino, Fernando Mendes, Ricardo). No final, Aurélio Pereira perguntou por ele – ou, melhor dito, pelo Rogério Paulo Viegas Alves –, mas Futre, sabendo que jogara contra as regras, já se tinha posto a milhas. No ano seguinte, regressou a Alvalade, sendo desta feita derrotado pela equipa do Liceu Camões, o que não impediu Aurélio Pereira de voltar a tentá-lo com uma oferta para o Sporting. O pai, porém, não deixou. Porque ele era ainda muito novo, 10 anos, e porque, ó sorte marreca, a família não tinha meios de o transportar até Lisboa, para treinar e jogar.

É assim o destino: tempos depois, os jornais e a TV começaram a anunciar que a Direcção-Geral de Desportos estava a organizar uma competição para escolher os titulares da selecção de sub-11 para jogar num torneio em Rocheville, França. José Paulo Silva Futre, pai de Paulo, inscreveu-o na área do Montijo e, através de etapas sucessivas, o seu nome acabou constando dos 500 candidatos da última fase de selecção, da qual iriam ser escolhidos os 16 eleitos. Na época, Paulo Futre tinha 10 anos – repete-se: 10 anos – e vinha sozinho de barco do Montijo até Lisboa, ficando hospedado no centro de estágio da Cruz Quebrada (acabou por ir a França, e logo como capitão, na sua primeira viagem aérea).

Seria assim nos anos vindouros, quando já pertencia ao Sporting. Saía do Montijo por volta das 15h30 para treinar em Lisboa às 18h30. Depois, terminado o treino, arrancava de Lisboa no último barco, o das 22h, chegava a casa às 23h30. Havia dias em que perdia o barco do Montijo, tinha de ir pelo Barreiro, chegava ao lar às duas da manhã, ou mais. E outros em que os barcos não podiam sair por causa do temporal e ele, com 10, 11 anos, tinha de ficar a dormir na estação, em cima das cadeiras, a aguardar pelo primeiro barco da manhã e ir directo para a escola, regressando à tarde para Lisboa, para mais um treino, sempre mais um treino. "Muitas vezes o temporal era tão forte – diz ele – que eu chegava a pensar que o barco ia afundar-se. Apanhei sustos incríveis. E quando comecei a ganhar dinheiro, jurei que nunca mais voltaria a andar de barco na vida. Nem de iate. Nada. Prefiro estar em terra."

Os estudos, claro, ressentiram-se deste alucinante ritmo de vida, tanto mais que a vontade para os livros já era pouca, quase nenhuma. Como o próprio reconhece, o seu percurso escolar foi vítima da sua precocidade: quando tinha 11 anos, já era iniciado, quando tinha idade de iniciado já estava nos juvenis, quando era juvenil de primeiro ano alinhava com os juniores e, com apenas 15 anos, chegou a segundo capitão da secção de juniores. "É fogo. Não tinha tempo para mais nada. Entre o Sporting e as selecções, passava seis a sete meses nos hotéis. E por muito bom aluno que sejas, ninguém pode passar de ano se não assistir às aulas. Esse era o meu maior problema. Representava várias equipas ao mesmo tempo (tanto naquelas em que tinha idade, como nas outras que estavam acima). Perante isto, a escola foi-se tornando uma miragem até que abandonei os estudos por completo."

Aos 13 anos, chumbou por faltas, logo em Janeiro. Por castigo, o pai pô-lo a trabalhar como bate-chapas durante as manhãs, indo às tardes para os treinos. Futre ainda recorda que, quando surgiam as convocatórias da selecção, enquanto os colegas davam como profissão jogador ou estudante, ele surgia assim:

Nome: Paulo Jorge
dos Santos Futre
Posição: Extremo-esquerdo
Profissão: Bate-chapas.

Passado o sorriso com a historieta, há uma pergunta que surge e se impõe: quantos jovens são sacrificados, a cada ano que passa, por causa da tara da bola? O que desse mundo sabemos são sempre as histórias de êxito, Ronaldo, Futre e assim, coroadas por muitos milhões. Sobre os outros, o silêncio. E são certamente às centenas, talvez aos milhares por ano aqueles que desgraçam a vida e comprometem o futuro na miragem da glória em campo. O perfil é típico: miúdos das classes baixas que abandonam os estudos em nome de uma carreira na bola, fazendo-o muitas vezes, ou quase sempre, com a tolerância ou até com a conivência dos pais, que, por ignorância grotesca ou avidez do ganho, julgam ter em casa um astro em potência, que a todos fará milionários. Depois, há todo um "sistema", ou máquina trituradora, que promove e alimenta a coisa, desde "olheiros" a treinadores, passando por dirigentes desportivos, políticos e por milhões de adeptos, que na fúria dos estádios nem sequer se interrogam sobre quantos terão ficado pelo caminho para que aquele circo exista e prossiga. Afirmar que o futebol é um instrumento de promoção social das classes desfavorecidas é um mito e uma falácia que ninguém ousa denunciar, tal o poder que a bola atingiu nos nossos dias, chegando-se ao ponto de, nas candidaturas à liderança de clubes, já terem figurado primeiros-ministros e presidentes de câmara em exercício e até cardeais da Igreja sedentos de protagonismo.



Se quisermos resumir numa palavra a vida de Paulo Futre na época, talvez a palavra "pressão" seja a mais adequada. Pressão de milhões de adeptos, pressão de dirigentes desportivos e dos seus colegas de balneário, pressão de mulheres sequiosas, pressão dos tarados da bola.

***

Na sua biografia, Paulo Futre descreve alguns episódios bem reveladores do impacto que a fama súbita teve naquele miúdo do Montijo que, nos intervalos dos treinos, trabalhava como bate-chapas numa oficina de automóveis e jogava na sua terra com os equipamentos do Bairro da Calçada, que tresandavam a suor à distância, pois nunca eram lavados de semana para semana. Estreou-se no Sporting com 16 anos, em 16 de Fevereiro de 1983, e, não muito depois, com apenas 17 anos, foi convocado para a Selecção e entrou na segunda parte de um jogo oficial contra a Finlândia, em 23 de Setembro de 1983.

Por essa altura, à saída do Estádio de Alvalade, e após uma partida com a Portuguesa dos Desportos, uma rapariga pediu-lhe o primeiro autógrafo. Sem saber o que fazer, rabiscou "a assinatura de um miúdo", garatujando o nome completo, como no bilhete de identidade. Só depois, enquanto fazia a travessia entre Lisboa e o Montijo, começou a treinar a sua assinatura oficial, que ainda mantém. São eloquentes as suas palavras: "naquele momento tudo é novidade. A fama, o assédio das pessoas, o facto de não poder voltar a andar na rua normalmente. Tudo impressionante. E eu não estava preparado. Como poderia estar? Um chavalo. Dezasseis anos. Não está nos livros. Ninguém te ensina como deves comportar-te numa situação semelhante. Há milhões de livros, sobre milhões de assuntos. Mas nenhum explica como um ser humano de apenas 16 anos deve reagir quando lhe pedem um autógrafo. E quantos não são os miúdos que, perante uma situação destas, mudam de personalidade e julgam-se os donos do mundo?" Palavras sábias de Paulo Jorge dos Santos Futre, de quem Fernando Cabrita dizia, já em 1983, "o Paulo vai ser um grande craque. Nasceu para isto." E foi.

Em 1984, quando passava férias em Benidorm, porque ninguém é perfeito, recebeu uma chamada para ir jogar a Nova Iorque, numa daquelas paradas de estrelas organizadas pelo Cosmos. Ao princípio, não acreditou. Depois, soube que tinha sido convocado juntamente com dois portugueses apenas, Gomes e Jordão. Em Manhattan, ficou hospedado no Hilton, na 5.ª Avenida, numa suite monumental, em que se olhava para o chão da casa-de-banho e se conseguia ver a TV da sala ("eles usavam um jogo de espelhos qualquer que nunca tinha visto. Achei aquilo fantástico, Americanices ao melhor estilo"). É fácil imaginar o efeito deste mundo novo num miúdo que, pouco antes, cirandava pelo Montijo na companhia do Pato, um puto que andava sempre de fita à McEnroe na cabeça e que roubava revistas *Playboy* nos quiosques para fins inconfessáveis.

Além disso, as mulheres. *Charters* delas, novas e velhas, solteiras e casadas, tantas que Futre lhes dedica um capítulo inteiro da sua autobiografia política. Uma delas, Ana, tinha Futre 19 anos, envolveu-se com ele a instâncias de Luís Teles Roxo, e com o consentimento do marido, grande amigo daquele vice do Futebol Clube do Porto, numa estratégia para controlar o jogador-estrela que na altura dava sinais de baixa de rendimento. No dia em que fez 19 anos, 28 de Fevereiro de 1985, recebeu 547 cartas, e, nos restantes dias, eram missivas às centenas. Numa delas, duas raparigas bissexuais propuseram-lhe uma *ménage à trois*, que Futre obviamente aceitou. Houve ocasiões, porém, em que algumas sabidonas quiseram chantageá-lo, alegando estarem grávidas (como Eva, que pediu, e teve, "um autógrafo nas cuequinhas", dado ao som de Julio Iglesias), num tempo em que, conta ele, "ainda não se falava da praga do vírus da sida." Não iremos, está claro, descrever a par e a passo as proezas sexuais de Paulinho, as quais incluíram, em Madrid, uma *madame* argentina que intermediava jovens modelos e apresentadoras da televisão para "magnatas." Foi ela que negociou uma noite de sexo com uma cinquentona milionária, cujo filho era fã devoto de Paulo Futre. Este recusou a oferta, de 20 milhões de pesetas, mas conheceu e ficou amigo da ricaça, que lhe deu um Rolex de presente.

Com a fama e as fãs, um tremendo *stress*. Se quisermos resumir numa palavra a vida de Paulo Futre na época, talvez a palavra "pressão" seja a mais adequada. Pressão de milhões de adeptos, pressão de dirigentes desportivos e dos seus colegas de balneário, pressão de mulheres sequiosas, pressão dos tarados da bola. Quando trocou o Sporting pelo Porto ("a

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

melhor decisão da minha vida"), fizeram-lhe a vida negra. No FCP, 95% dos jogadores eram do Norte e, nos seus primeiros meses na Invicta, esta estava pejada de grafitos indecorosos: "Futre, cabrão", "Odiamos-te, mouro" e, em frente a sua casa, "Vamos matar-te, mouro de merda." Enquanto isso, a sua família atravessava momentos terríveis no Montijo: "todos os dias acontecia algo perfeitamente nojento. Estragavam a porta de casa, partiam as janelas à pedrada, insultavam os meus pais, o meu irmão. Um filme de terror." Um dia, estava a falar com a mãe ao telefone e Maria Augusta perguntou-lhe, angustiada, "O que fizeste à nossa família, Paulo Jorge? Não posso continuar a viver assim, não aguento mais." Do outro lado da linha, Paulo Jorge prometeu-lhe que iria comprar uma casa, tirá-los daquele inferno para uma vida calma, mas os seus pais recusaram, nunca quiseram sair do Montijo.

Aquela conversa com a mãe deixou-o "de rastos." "O que faço agora? Abandono o futebol e vou novamente trabalhar como bate-chapas? Vou para as obras? O que faço, meu Deus? Alguém que me ajude…" Decidiu permanecer nos relvados, com o inestimável apoio de Pinto da Costa, a quem não poupa elogios ("uma das pessoas mais fantásticas que já conheci no futebol e na vida", "um génio"). No Porto conheceu Isabel, sua companheira de vida, mãe dos seus dois filhos, Paulinho e Fábio, com quem, todavia, nunca chegou a casar, coisa que lhe valeu críticas de alguns sectores da Igreja portuguesa, agravadas quando foram pais solteiros.

A sagração do FCP como campeão nacional, em 1984-1985, acalmou os adeptos dos Dragões, cujo fanatismo gerava episódios como este: uma noite, circulava Futre de automóvel pela cidade, tendo Laureta ao lado, e, num cruzamento, uma moto embateu violenta e deliberadamente contra o seu carro, dando várias voltas no ar. O condutor da moto, coberto de sangue, acerca-se do automóvel de Futre suplicando-lhe, histérico, "Temos de ganhar no domingo. Paulo, temos de ganhar no domingo!" Noutro episódio, igualmente revelador, Futre conta que, sempre que havia deslocações a Lisboa, e tomavam as refeições no hotel, Octávio trocava os pratos servidos aos jogadores, com receio de que estivessem envenenados com qualquer coisa que os pusesse fora de campo. Pairando acima de tudo isso, Jorge Nuno, "o líder supremo", omnipresente na bancada, no banco dos suplentes, no balneário. Segundo Futre, "falava com os olhos" e "bastava olhar para nós e percebíamos quando estávamos a pisar a linha." Palavras de apreço também para Artur Jorge, "um motivador nato", e para Octávio, o seu "cão de guarda."

Paulo Futre atribui a Artur Jorge o triunfo do Porto em Viena, na final dos Campeões da Europa de 1987. Ao intervalo, o Bayern Munique estava a ganhar por 1-0. Então, no balneário do Prater, num momento heróico, o treinador reuniu os jogadores cabisbaixos. Despiu o casaco, tirou a gravata, arregaçou as mangas, e disse: "Meus senhores, levantem a cabeça e olhem para mim. Têm 45 minutos para entrar na história. Isto não é um sonho. Está a acontecer. Vocês são melhores do que eles." E depois repetiu: "Estão a 45 minutos de entrar na história. Por isso, vamos lá para dentro. Vamos ganhar isto." O calcanhar de Madjer empataria a partida, ao minuto 79' e Juary decidiria o jogo aos 81', dando a Paulo Futre o troféu mais importante da sua carreira futebolística.

A vitória na Champions tornou-o cobiçado pelos grandes europeus – Real Madrid, Barcelona, Juventus –, e Futre chegou a entrar em negociações com o Inter, mas Gil y Gil chegou-se à frente e levou-o para o Atlético de Madrid a troco de uma quantia estratosférica, naquela que foi, à época, a segunda contratação mais cara da história do futebol, só superada pela de Maradona ("Pai, se dentro de quatro dias este homem ganha as eleições, podes reformar-te. Nunca mais vais precisar de trabalhar", disse Paulinho para casa), além de uma casa com piscina e de um automóvel de luxo. Ante a incerteza da vitória de Gil y Gil, e como o *stand* só tinha disponível um Porsche amarelo, Futre decidiu à cautela levar o que havia, com Pinto da Costa no gozo: "Paulinho, o carro é mesmo muita bonito." O Porsche amarelo, que Futre qualifica de "mítico", converteu-se numa das principais imagens de marca do jogador e foi na época, di-lo ele, "o carro mais conhecido da Península Ibérica." Na verdade, em qualquer antologia iconográfica dos anos 80 são imprescindíveis as fotos de Futre sentado no capô da máquina, a solo ou com a esposa, com aquele cabelinho em tufa, risca ao meio, e de perna alçada, os calções muito apertados na zona da fruta e, claro, os inevitáveis chinelos, nas variantes com e sem meias.



Quando tinha 11 anos, já era iniciado, quando tinha idade de iniciado já estava nos juvenis, quando era juvenil de primeiro ano alinhava com os juniores e, com apenas 15 anos, chegou a segundo capitão da secção de juniores. "É fogo. Não tinha tempo para mais nada".

A amargura de não ter ganho a Bola de Ouro (segundo ele, por intervenção malfazeja de um jornalista português, que votou em Ruud Gullit) ainda hoje persiste, não tendo sido apagada pelas espantosas exibições ao serviço dos *colchoneros*, que lhe deram grandes triunfos, entre os quais avulta o ter recebido a Taça do Rei das mãos de Juan Carlos de Borbón, que consigo falou num português impecável, e com palavras assaz simpáticas.

A pressão, todavia, nunca parou – e, pelo contrário, aumentou e muito de intensidade, obrigando-o a andar protegido por guarda-costas (Pato, o seu amigo de infância) contra a fúria dos adeptos do Real e a avidez dos *paparazzi* (a este propósito, Futre conta a inenarrável história de um repórter português a quem ele franqueou as portas da sua casa de férias no Algarve e que, insatisfeito e ingrato, foi apanhado dois dias depois a devassar a propriedade). Por terras de Espanha, foram dois os factores de *stress*, a juntar aos outros: a tropa e a ETA. Quanto à primeira, o facto de se ter eximido ao cumprimento dos deveres militares colocou-o na iminência de ser detido e extraditado para a pátria ou, vindo até esta, ser preso por refractário. Soares quebraria o galho, Futre ficou eternamente grato. No que toca à ETA, estava em Madrid no auge do terror bombista, com o atentado no centro comercial Hipercor, 21 mortos, em Junho de 1987, outro em Saragoça, 11 mortos, e o assassinato de Miguel Ángel Blanco, Julho de 1997, aquando da sua segunda passagem pelo Atlético. Em 1990, quando lá estava, o governo espanhol pediu a extradição de um bando etarra detido em Portugal, o que faz aumentar exponencialmente o nível de ameaça sobre os lusitanos, com Paulo Futre, naturalmente, entre os principais alvos. "Sentia-me um cadáver andante. Sempre paranóico. À espera do momento em que houvesse alguma acção contra mim", assim recorda ele esses anos de chumbo, em que pouco saía à rua e treinava em casa com o seu pastor alemão, o Tanque. O amigo Pato e outros compinchas, que tinham feito a tropa nos Comandos, guardaram-no nesse aperto, a que se juntou um outro, esse mais grave e evidente: o presidente do seu clube.

Hoje, o nome de Gregorio Jesús de Gil y Gil (1933-2004) pouco dirá às gerações mais novas, mas muito, e péssimo, aos leitores mais entradotes. Breve estatística: 17 anos à frente dos destinos do Atlético de Madrid, três mandatos como presidente da câmara de Marbelha, afastado do exercício de cargos públicos durante 28 anos pela prática de delitos vários, todos do piorio. Com Paulo Futre, teve querelas épicas, algumas das quais encenadas, apenas para inglês ver, mas muitas outras muito sérias, de morte, com insultos de parte a parte, amuos de semanas, meses, seguidos de reconciliações românticas, com juras de amor eterno. "Se Futre fosse mulher, teria sido minha amante", disse um dia Gil y Gil, num resumo eloquente daquela relação tão tóxica. "El portugués" serviria o Atlético em duas ocasiões distintas (1987-1993 e 1997-1998) e, de uma forma ou doutra, o seu nome sempre apareceu ligado ao clube dos *colchoneros*, onde, às tantas, começou a adquirir um poder que ensombrava o de Gil y Gil. Este, louco como sempre, continuou alegremente a despedir treinadores a um ritmo inaudito – em 17 anos de mandato, despachou 32 treinadores! –, com isso querendo mostrar, a Paulo Futre e ao mundo, que era ele que mandava.

De permeio, o extremo-esquerdo do Montijo esteve com a Selecção Nacional no Mundial do México de 1986, presenciando, portanto, em directo e primeira mão, uma coisa chamada "caso Saltillo." Não é fácil explicar às gerações mais novas, e logo mais qualificadas, em que consistiu realmente aquele imbróglio, mesmo com o auxílio de um livro precioso, delicioso, de João Tomaz e Pedro Adão e Silva, *Deixem-nos Sonhar. Caso Saltillo: Portugal e o México 86*, Tinta-da-china, 2022.

Em síntese muito sintética, poderá dizer-se que a epopeia de Saltillo começou com um remate atómico de Carlos Manuel na Alemanha, com a parte exterior do pé direito, que lhe valeu o epíteto instantâneo de "o herói de Estugarda" e que nos abriu as portas ao Mundial do México, em instante histórico que, além do mais, provocou um ataque cardíaco ao correspondente do *Diário Popular*, Fernando Tenreiro, só salvo com vida por estar em terras germânicas.

Para o México, e como é sabido, fomos liderados por José Torres, o "Bom Gigante", columbófilo nas horas vagas e autor do famoso "deixem-sonhar." (Torres, ao que parece, gostava de amenizar o ambiente entre a comitiva lusa contando anedotas atrás de anedotas, picantes de preferência). Os problemas, note-se, começaram antes sequer de alcançarmos as Américas: em vez de um voo mais di-

recto Madrid-Cidade do México, optou-se por retroceder até Frankfurt, numa jornada longuíssima que, segundo Vítor Serpa de *A Bola*, ficou ao dever-se ao facto de um alto dirigente federativo ter uma "relação directa" (*sic*) com uma funcionária da Cruzeiro, a agência de viagens da FPF que escolheu aquele trajecto. Depois, na escala em Frankfurt, houve temores de que a comida estivesse contaminada pelas poeiras de Chernobyl e, pior do que isso, os "Infantes", ignorando os mistérios do *pay-per-view*, puseram-se a ver filmes porno até altas horas da madrugada, com bonitos resultados na hora de pagar a conta. Na longa viagem interatlântica, e como é óbvio, a rapaziada, com o guarda-redes Bento à cabeça, entreteve-se durante horas a mandar piadolas frescas às hospedeiras de bordo e a um infortunado grupo de raparigas alemãs.

Depois, vá-se lá saber como e porquê, uma lusitana sucessão de desastres: Veloso falhou no *doping*, teve de ser substituído às pressas por Bandeirinha, o qual, imagine-se, foi resgatado em Coimbra, na calada da noite, enquanto ouvia uma serenata na Queima das Fitas, não acreditando que era mesmo para ir jogar ao México (num prodígio de desenrascanço, o fato de Bandeirinha foi feito às pressas, com o moço, coitado, nem sabendo dar o nó da gravata); a Selecção viajou muito cedo, cedo demais, e ficou hospedada numa espelunca, o motel La Torre, que mais tarde iria albergar um grupo paramilitar, sendo palco de torturas e execuções sumárias (diz-se que em redor do La Torre ainda hoje estão sepultados muitos cadáveres); a seguir, Portugal treinou num campo tão inclinado que as bolas deslizavam sozinhas e, para cúmulo dos azares, no longo percurso aéreo até ao México apodreceram três toneladas do fiel amigo, a nossa arma secreta, para desespero de Evaristo Cardoso, do Solar dos Presuntos, o qual, mal refeito dessa catástrofe bacalhoeira, teve de enfrentar uma terrível invasão de baratas, milhares delas, nas cozinhas do motel infecto.

Enquanto isso, e além de uma excessiva proximidade, vulgo balbúrdia, entre jogadores e imprensa, os "Infantes" foram subornando os seguranças do La Torre que, pedrados de haxixe, os deixavam sair para escapadinhas românticas com as nativas, algumas das quais processadas dentro de automóveis estacionados à porta daquele estabelecimento moteleiro, num cortejo em fila indiana que chegava a formar dez, doze, dezoito viaturas a abanar em simultâneo. De resto, o contacto oficial da FIFA, um tal Miguelito Carranza, logo se prontificou a arranjar prostitutas para os jogadores; estes declinaram e Miguelito acabou por burlá-los, ficando com o dinheiro que eles lhe tinham dado para comprar *gadgets* electrónicos no Texas, do lado de lá da fronteira. Às tantas, foi pedido aos correspondentes que deixassem de noticiar as aventuras amorosas dos nossos "Infantes", cujas mulheres tinham ficado em Portugal, parece que por falta de verba, um dos pontos que Futre considera mais criticável em toda aquela novela mexicana. O pior, segundo ele, foi no regresso a Lisboa, quando, no aeroporto da Portela, a esposa de um dos membros da comitiva gritou para as outras: "Larguem os vossos maridos. Eles vêm cheios de SIDA! Andaram por lá a foder aquelas mexicanas e estão todos infectados!" Neste domínio, a melhor história foi a do correspondente de uma agência noticiosa que, recém-casado, decidiu interromper a lua-de-mel para ir até ao México, onde conheceu uma rapariga que o fez mandar o casamento às urtigas e desaparecer durante semanas, para desespero dos seus colegas.

Antes da partida, o ministro Deus Pinheiro falara, e cita-se, de "uma fezada que nós temos numa boa representação portuguesa no México", mas a fezada ministerial não se cumpriu, porquanto acabámos eliminados logo na primeira fase qualificativa, de nada valendo o hino composto por Carlos Paião e cantado por Herman/Esteves, "Bamos lá cambada, todos à molhada que isto é futebol total/

Deixem-se de tretas, força nas canetas que o maior é PORTUGAL."

Além de um inconcebível amadorismo, houve factores agravantes, nomeadamente o facto de na altura se ter começado a discutir o tema dos "direitos de imagem" dos jogadores ante a explosão do futebol como espectáculo global (e, entre nós, com os primeiros passos da Olivedesportos, sendo também sintomático o aumento vertiginoso, por alturas do Mundial, da venda de gravadores vídeo VHS ou Betamax). Também não ajudou em nada o presidente da Federação, Silva Resende, um ex-seminarista fascista pouco dado ao diálogo que, além de ter levado 50 imagens de Nossa Senhora de Fátima para distribuir no México, pouco saiu da Cidade do México para visitar os jogadores em Saltillo (cidade aliás fundada em 1577 por um açoriano, Alberto Vieira do Canto). O plantel, por sua vez, tinha uma forte representação de atletas da margem Sul (Chalana, Nunes, os irmãos José Luís e Jorge Silva, Sobrinho, Jorge Martins), uns mais avermelhados do que outros, todos assaz dispostos a confrontos reivindicativos e a refregas, laborais, destacando-se, nesse domínio, o "trio do Barreiro", composto por Carlos Manuel, Bento e Diamantino. Remata Futre: "a solidariedade proveniente do distrito de Setúbal foi fundamental."



Em Novembro de 1993, ao serviço da Reggiana, contraiu a lesão mais grave da sua carreira, uma ruptura parcial do tendão rotuliano, maleita nunca vista no mundo da bola e que, no passado, afectara apenas um profissional de esqui. (...) Nunca recuperou o fulgor e a forma que haviam celebrizado o seu "Futrebol".

Em face disso – e da memorável conferência de imprensa de Manuel Galriço Bento, ladeado por Ribeiro e Jaime Pacheco–, a Selecção entrou em ebulição, fez greve ou ameaçou fazê-la, perdeu contra a Polónia e, no final, acabou eliminada por Marrocos. No rescaldo cabisbaixo, houve ameaças de agressão ao embaixador Knopfli, Torres demitiu-se, sendo substituído por Rui Seabra, e Carlos Manuel, Bento e Diamantino nunca mais envergariam a camisola das quinas. Premonitoriamente, Carlos Manuel e Fernando Gomes ocupavam o tempo no México lendo o pessoano *Livro do Desassossego*, que a Ática acabara de publicar em 1.ª edição. Depois, passaram-no à prática, num caso que, como é óbvio, dividiu o país durante meses e chegou ao parlamento, onde se chegou a falar da criação de uma comissão de inquérito, com Manuel Alegre do lado dos jogadores, o CDS a apoiar Silva Resende, e intervenções acaloradas de José Carlos Vasconcelos (PRD), Jorge Lemos (PCP) e Marques Mendes (PSD). Soares apelou à "serenidade" e ao "bom senso", virtudes que evidentemente faltaram. E o jornalista Neves de Sousa, inconfundível, enalteceu os "homens que ousam beliscar o imobilismo de cartolas opiparamente refastelados em cadeirões de ouro", verberando, de igual sorte, "a preponderância dogmática dos federativos."

Quanto a Futre, teve participação algo apagada no Mundial da *ola* e do lema *"Em mundo unido por un balón"*, pois Torres preferiu guardá-lo como "arma secreta". Ainda assim, o garboso montijense preparou-se como devia, reduzindo os muitos cigarros/dia e jurando de si para si que não se iria masturbar, tal como revela nas suas memórias, a páginas 177-178. Noutra obra (*El Portugués*, Parte II, Dom Quixote, 2012), falou de um "faroeste" e disse "nunca vi nada assim" a propósito do México e de Saltillo, onde logo à chegada a comitiva portuguesa presenciou uma cena de pancadaria nas ruas, quase com mortos e feridos. De caminho, farpas à "mentalidade totalitária" de Silva Resende e mil e uma histórias com as fogosas autóctones. Numa delas, Hélder Martins andou a fugir de um marido ciumento, de facalhão em punho, que o queria matar. Noutra, um jogador envolveu-se com a mulher de um dos donos do La Torre, uma cinquentona avantajada que Futre define como "uma senhora forte." Quanto a ele, ligou-se a uma mulher-polícia de 25 anos, Laura Venezuela, "um monumento", que manteve até ao fim do torneio.

***

Em 23 de Novembro de 1993, ao serviço da Reggiana, Paulo Futre contraiu a lesão mais grave da sua carreira, uma ruptura parcial do tendão rotuliano, maleita nunca vista no mundo da bola e que, no passado, afectara apenas um profissional de esqui. Foi sujeito a três intervenções cirúrgicas, esteve meses sem jogar e, para sermos honestos, nunca recuperou o fulgor e a forma que haviam celebrizado o seu "Futrebol".

A crer no que nos conta, tem talento para os negócios. Em França, era ainda muito novo, quando ele e os colegas da bola foram no clássico gamanço de roupa para as lojas de Rocheville, disse-lhes que tinham sido apanhados pelas câmaras de vigilância e que tinham de devolver tudo (e ele, na qualidade de capitão da equipa, arrecadou o produto dos furtos, que depois despachou para Portugal). Mais tarde, em Saltillo, comprou por uma ninharia o muito oiro que uma mexicana rica oferecera a um membro da comitiva, seu amante, e que este não queria trazer para Lisboa, com receio da esposa. Também nos negócios da bola, Futre triunfou em grande estilo, mesmo lidando com grandes trutas do ofício (Pinto da Costa, Gil y Gil, Bernard Tapie). E, mais recentemente, teve o engenho e a arte de converter aquela gafe do chinês e dos *charters* em imagem de marca que ainda mantém.

Ou seja, e em suma, o verdadeiro artista. Que teve o génio nos genes, sem dúvida. Mas que teve também, ou sobretudo, uma enorme e imensa garra, capaz de resistir a tudo, às muitas pressões que sofreu. Por isso aqui o saudamos, desejando-lhe que Deus assim o mantenha, por sempre e para sempre, sempre concentradíssimo.

**Prova de vida (54) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.



Entre as imagens
João Lopes

A televisão, a política, a sua ilusão e a cultura dela

Eis um belo exemplo do modo como a atualidade pode ter tanto de factual como de perverso – desta vez a partir da revisão do filme *Manobras na Casa Branca*, de Barry Levinson, fabulosa comédia política que tem como base um dos mais brilhantes argumentos escritos por David Mamet (contando, neste caso, com o contributo de Hilary Henkin). Chama-se no original *Wag the Dog* e, além dos seus méritos cinematográficos, adquiriu um curioso lugar simbólico na política dos EUA.

Isto porque as peripécias do filme e a cena política americana estabeleceram um bizarro curto-circuito. Assim, *Wag the Dog* chegou às salas no Natal de 1997, contando a história rocambolesca de um presidente dos EUA (fictício) que, em vésperas de uma nova eleição, coloca os seus conselheiros perante um problema bicudo: ele mantém uma relação secreta com uma mulher e a eventual revelação pública do caso será fatal para os objetivos da campanha em curso. Ora, pouco mais de duas semanas depois da estreia, a 17 de janeiro de 1998, ainda *Wag the Dog* estava nas salas de todo o país, era revelado o chamado escândalo Monica Lewinsky: tal como o presidente do filme, Bill Clinton surgia como protagonista de um *affaire* que se iria transformar numa verdadeira comédia de costumes…

Entenda-se: independentemente do "antes" e "depois" do filme, a colaboração Mamet/Levinson não pertence à pornografia tabloide. É mesmo uma das mais elaboradas narrativas que já se fizeram sobre algumas práticas da política dos nossos tempos, entendida e encenada como uma telenovela sem fim, moralista até à náusea. Personagens decisivas serão o conselheiro mediático (*spin doctor*, segundo a gíria) convocado para apagar o fogo do escândalo e um produtor de Hollywood contratado para, literalmente, criar uma ficção que possa distrair os eleitores americanos das atribulações privadas do seu presidente – são interpretados, respetivamente, pelos magníficos Robert De Niro e Dustin Hoffman.

Que acontece, então? Pois bem, numa angustiada reunião na Casa Branca, um dos cérebros da pequeno tribo montada para resolver a crise apresenta a solução mais eficaz: "Declaramos guerra à Albânia…" Como? Algumas vozes ainda com alguma sensatez lembram: "Mas não estamos em guerra com a Albânia!" Pois não – basta encená-la… E começa a produção de uma guerra fabricada com ecrãs virtuais.

Seria simplista reduzir o filme à sua "mensagem" mais linear: a televisão mente ou, pelo menos, em algumas situações pode mentir. Há mesmo nele um sentido visionário que importa referir e revalorizar. Assim, com o passar dos anos e a evolução (que, não poucas vezes, é uma involução) das práticas políticas – nos EUA e em muitas democracias –, a televisão deixou de ser entendida e, sobretudo, praticada como um veículo de informação ou exposição das dinâmicas políticas. No limite, a televisão passou a ser vivida *como a própria política*. Quanto tentam "encurralar" um adversário, os políticos mais medíocres já não discutem ideias (as suas, se as tiverem, ou as dos outros), limitando-se a invetivar esse mesmo adversário: "Ele tem de ir à televisão explicar-se!"

Instala-se, assim, uma ilusão comunicacional que, em boa verdade, deixou de existir como banal fenómeno de perceção ou pensamento: passou a definir, justificar e fortalecer uma cultura mediática que se alimenta da proliferação das mesmas imagens formatadas no maior número possível de ecrãs. O que, bem entendido, gera um efeito *boomerang*, que, perante a inconsciência de muitos, penaliza todos os atores da cena política: se cada um deles não existir em algum ecrã… então é porque não existe!

Rezam as crónicas que *Wag the Dog*, o título original – cuja tradução literal poderá ser "abanar o cão" ou "abanem o cão" –, é uma expressão que pertence ao imaginário político americano desde meados do século XIX. A sua significação está esclarecida na legenda que abre o filme: "Porque é que o cão abana o rabo? Porque o cão é mais esperto que o seu rabo. Se o rabo fosse mais esperto, abanaria o cão."



Dustin Hoffman e Robert De Niro em *Manobras na Casa Branca* (1997): o que é fazer política?

"Como vemos a política nos nossos ecrãs caseiros? Ou ainda: será que a política só existe através de ecrãs?

Toda a televisão é assim? Claro que não, mas há um sistema cognitivo que prolifera através de algumas formas ou formatos televisivos em que "abanar o cão" passou a ser o patético resto de linguagem que ainda se atreve a sugerir o desejo de algum realismo. O que, convenhamos, ajuda a compreender a saturação emocional de muitos espectadores – emocional e política, convém acrescentar.

Jornalista.

Chef Ricardo Bolas

Bucatini com tomate e burrata



Dica de *chef*

Se utilizar massa fresca, a cozedura é muito rápida, aproximadamente 1 minuto e meio. Se for massa seca de compra, deverá respeitar o tempo indicado na embalagem para cozer *al dente*. Quando a massa estiver cozida, e ao juntar ao molho de tomate e tomate-cereja, deve-se colocar um pouco da água da cozedura da massa.

Ingredientes:

Molho de tomate caseiro:
1 kg de tomate-chucha
10 g de açúcar demerara
100 g de cebola branca
200 ml de azeite
10 g de alho seco

Bucatini:
600 g de massa fresca Bucatini
2 burratas frescas
200 g de tomate-cereja vermelho em metades
200 g de tomate-cereja amarelo em metades
20 g de alho laminado
300 ml de azeite
80 g de malagueta vermelha laminada
300 g de queijo pecorino sardo ralado
40 g de folha de manjericão
500 ml de molho de tomate
80 g de manteiga sem sal
200 ml de vinho branco
Sal e pimenta preta moída q. b.

Confeção do molho de tomate:

Colocar azeite no tacho e deixar refogar a cebola e o alho. Adicionar o tomate-chucha cortado em quartos, o sal e o açúcar. Deixar cozinhar em lume brando 15 minutos, mexendo sempre.
No final da cozedura, triturar e passar pelo coador. Retificar temperos e reservar.

Confeção do bucatini:

Numa frigideira, colocar um fio de azeite. Quando estiver quente, adicionar o tomate--cereja vermelho e amarelo e deixar saltear. Adicionar o alho laminado e a malagueta e saltear. Refrescar com o vinho branco, deixar evaporar, adicionar o molho de tomate confecionado anteriormente e folhas de manjericão. Entretanto, a massa deverá já estar a cozer. Quando cozida, adicionar ao preparado anterior, envolver e finalizar com manteiga. Retificar o sal e pimenta.

Empratamento:

Colocar a massa com o tomate no prato, adicionar meia burrata (por pessoa) partida em pedaços, finalizar com queijo pecorino ralado, folha de manjericão e fio de azeite.

EDIÇÃO **FILIPE GIL**



A acompanhar

Para harmonizar com a sua receita de bucatini com tomate e burrata o *chef* aconselha o vinho branco Palpite Reserva.



O *chef*

Ricardo Bolas deu os primeiros passos na cozinha ainda dentro do núcleo familiar, por influência dos pais, com negócios na área da restauração. Tendo-se formado na Escola de Hotelaria do Estoril, trabalhou durante sete anos no Restaurante Cipriani, no Hotel Lapa Palace, em Lisboa. Neste período teve a oportunidade de trabalhar com conceituados *chefs*, que mais tarde o convidam para abrir o restaurante italiano D'Oliva, onde trabalhou como *sous-chef* durante quatro anos. Seguiram--se diversos projetos, e em 2016 junta-se à equipa da Plateform, onde se estabelece como *chef* executivo do Rocco, prestando também consultoria a outras marcas italianas do grupo.


Diario de Noticias

CARTA DE PARIS — O EXEMPLO DE PORTUGAL

LISBOA-MACAU

ASAS IRMÃS

A SEDIÇÃO DE S. PAULO

POR ESSE MUNDO...

A REVOLTA NA BOLIVIA

POLITICA FRANCESA

O CASO DA MALA TRAGICA

POR BEM!

NO ASILO OFICINA DE SANTO ANTONIO

INSTRUÇÃO

O 14 DE JULHO

A ESPANHA EM MARROCOS

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 14 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

CARTA DE PARIS

O EXEMPLO DE PORTUGAL

citado por um articulista politico que combate o sr. Herriot e os seus projectos sobre o direito sindical

Paris, 9 de Julho.

Com o titulo de «L'étonnant pays» e assinado pelo pseudonimo de «Hermes», um jornal parisiense, conservador, «La Liberté», publicou num dos seus ultimos numeros o artigo seguinte que traduzo integralmente, á titulo de curiosidade, e sem comentarios:

«Encontrei outro dia um francès a quem as suas ocupações retêm uma parte do ano em Portugal e que conhece esse país como o seu proprio. Contou-me coisas que me pareceram assás interessantes e mesmo assás curiosas para que as reproduza aqui.

«—O senhor nunca foi a Portugal? disse-me ele Que admiravel país! E' um imenso jardim banhado por uma luz puríssima. O Oceano, que o orla, envia-lhe chuvas beneficas e torna a terra mais fertil. A vida é facil e o povo, que se contenta com pouco, não precisa de trabalhar muito para poder entregar-se aos seus dois prazeres favoritos que são o canto e o amor, porque naquela terra toda a gente canta, toda a gente se apaixona e o amor é acompanhado por eternas canções... Contudo, como deve ter notado, todos os seis meses, pouco mais ou menos, rebenta uma revolução em Lisboa. Os jornais de Paris já quasi não fazem caso, de tal modo o fenomeno é repetido. E' mesmo cronico. Mas o mais curioso é que os proprios portugueses não fazem caso, de tal modo o fenomeno é repetido. E' mesmo cronico... Um belo dia sou acordado por um barulho muito meu conhecido, um certo tac-tac-tac que não engana. Ha em qualquer parte, dentro de Lisboa, metralhadoras que disparam. Visto-me e saio. A cidade tem o seu aspecto ordinario. Interrogo um transeunte, um pobre homem que vai para o seu trabalho. Pregunto-lhe o que ha. E, com o bom-humor da gente lá da terra, ele responde-me: «—Oh! isso, meu caro senhor, é politica, coisas que não podemos compreender.» E, indiferente, segue o seu caminho... As revoluções portuguesas são sarrafuscas pouco sangrentas, qualquer coisa como o nosso duelo á espada que se suspende á primeira picadela. O que se chama uma revolução, é a queda dum ministerio. Simplesmente, em vez de serem derrubados na Camara, os ministerios são derrubados na rua. Uma «équipe» sucede a outra por esse meio e depois distribui os lugares a si-propria. Isso dura até á revolução seguinte... O povo não se ocupa com essas coisas. Elas passam-se longe dele, acima dele, fóra dele. Podem mandar embora os ministros e mesmo o presidente da Republica sem que o povo sequer volte a cabeça ou perca um estribilho das suas canções.

«—De vagar! disse eu ao viajante. Pensa o senhor que o que me está contando é uma novidade? Tire-lhe a côr local, o céu lusitano, as corridas de touros e as guitarras (duas distracções que, segundo penso, fazem parte da paisagem peninsular). Porventura o que vemos passar-se em França não é equivalente ao que se passa em Portugal? Poude-se expulsar do Eliseu um presidente da Republica, sem metralhadoras, é verdade (isso virá talvez), mas violando a Constituição. E acaso o povo se mexeu? Houve menos gente nos «dancings» e nos cafés-concertos? Não é verdade que o circuito ciclista de França apaixonou o publico infinitamente mais do que uma crise ministerial e mesmo presidencial? Vejo aproximar-se o momento, se mesmo ele já não chegou, em que os franceses, seguindo o exemplo dos seus portugueses, considerarão que todas essas agitações, não importantes para o mundo politico, decididamente os não interessam.

«—O senhor tem talvez razão, retorquiu o meu interlocutor. Mas é que Portugal foi logo de repente muito mais longe do que nós no caminho da democracia. Estamos atrazados em relação aos portugueses... E' verdade que nos dispômos a alcançá-los. Assim, o sr. Herriot concede o direito sindical aos funcionarios. No país de Camões ha muito que os funcionarios estão sindicados. Os senhores ainda não sabem o que é. Verão! E' encantador. Aqui queixam-se de que o telefone funciona mal. Em Portugal não funciona nem bem nem mal. As estradas são concertadas quando isso apraz ao sindicato dos cantoneiros. E qualquer serviço publico pára quando os cavalheiros que dele estão incumbidos têm uma reivindicação a apresentar... Mas o país é tão sedutor, a vida tão deliciosa! Basta estendermos a mão para colher uvas e tomates. Os clientes do telefone são pouco numerosos. Nas estradas ha menos automoveis que muares, pouco sensiveis aos barrancos. A gente acomoda-se com esses pequenos dissabores.

«—Falta saber, disse eu então, as proporções que eles tomariam em regiões onde a existencia é mais aspera, o céu menos clemente, ao norte do Loire, por exemplo. Talvez, com efeito, a extensão do direito sindical aos funcionarios seja uma dessas revoluções que passam despercebidas porque são desprovidas de metralhadoras, mas cujas consequencias se fazem depois sentir pesadamente. Quando todos os nossos serviços publicos estiverem sindicados, o Estado terá mudado de caracter. Terá perdido uma parte do seu prestigio e do seu credito. E sentiremos saudades do tempo em que podiamos increpá-lo quando a menina do telefone nos fazia esperar a comunicação e quando os fosforos recusavam inflamar-se.»

J. G.

A VIAGEM

LISBOA-MACAU

O entusiasmo no Brasil pela conclusão do "raid"

Um imponente cortejo civico

Os jornais do Brasil agora chegados, referem-se com elogiosas e entusiasticas palavras á conclusão do «raid» Lisboa-Macau e anunciam a organização de um imponente cortejo civico, cuja ideia inicial se deve aos empregados do Banco Nacional Ultramarino, por eles entregue ao patrocionio da revista «Portugal», de que são directores Ruy Chianca e Oliveira Guimarães. Esse cortejo iria ao Palacio do Catete cumprimentar o Chefe do Estado em nome da colonia portuguesa do Rio de Janeiro, e ao consulado português cumprimentar o nosso embaixador e o nosso consul.

As saudações seriam feitas por Ruy Chianca e Carneiro Geraldes, funcionario do Banco Ultramarino. Em frente do consulado o dr. Josué Trocado falaria á alma popular sobre o glorioso feito de Sarmento de Beires e Brito Pais.

Em seguida iria saudar o Aero-Clube brasileiro, que tambem se associa á festa.

O cortejo seria assim constituido:

Um piquete de cavalaria, banda montada da Policia Militar, gentilmente cedida pelo sr. ministro da Justiça; União Sportiva de Pedal, cujos socios se encorporarão montados nas bicicletas; Clube dos Democraticos; União dos Empregados no Comercio; Aero-Clube Brasileiro; Camara Portuguesa de Comercio; Carro á Dumont da revista «Portugal», conduzindo a sua bandeira; seguindo-se os carros dos directores e redactores desta revista; carros do Banco Nanional Ultramarino e as restantes colectividades incorporadas pela ordem da chegada; Centro Luso-Brasileiro Paulo Barreto; Centro Musical da Colonia Portuguesa; União dos Portugueses Combatentes da Guerra; Gremio Republicano Português; Nova Banda da Colonia Portuguesa; Orphon Português; Clube Português, de S. Paulo; Centro Português Dr. Afonso Costa; Centro Dr. Antonio José de Almeida; Centro Trasmontano; Banda Lusitana; Associação dos Vendedores Comerciais; Orpheon Portugal; Centro Madeirense; Casa do Minho; Lusitano Clube: Centro D. Nun'Alvares Pereira, Clube Recreativo Dramatico e Instrução; Escolas Nun'Alves Pereira, etc., etc.

Por sua vez a União dos Empregados no Comercio mandou rezar uma missa na igreja da Candelaria em acção de graças pelo feliz termo do «raid».

Os festejos no Liceu Camões

Continuaram ontem os festejos organizados pela comissão a que preside o major Cifka Duarte e tenente Paixão e que se estão realizando no Liceu Camões.

O leilão decorreu ontem com o mesmo entusiasmo da vespera tendo sido vendidos muitos dos objectos expostos por preços por vezes bastante elevados.

No jardim, nas barracas viam-se senhoras vestidas á moda do Minho.

A banda do comando da G. N. R. sob a regencia do capitão maestro Fernandes Fão executou um programa escolhido.

A concorrencia foi grande esperando-se que hoje não seja inferior.

ASAS IRMÃS



O major Cifka Duarte com a «mascotte» da Aviação Militar

A ideia da fusão da Aeronautica Militar é acolhida com viva simpatia pelo major Cifka Duarte e por todos os seus camaradas da especialidade que pertencem ao exercito

Uma entrevista com o ex-comandante da Aviação Militar — Tudo indica que o almirante Gago Coutinho será brevemente o chefe supremo de todos os aviadores portugueses

O major sr. Cifka Duarte, que foi director da Aeronautica Militar, encontra-se em Lisboa, gozando uma licença de trinta dias. A recente ideia da fusão da aviação militar com a aviação maritima, marcou a oportunidade desta entrevista, muito rapida, mas precisa e clara nos seus pontos principais. Ela representa duma maneira exacta o pensamento da maioria, iamos a dizer, da quasi totalidade dos oficiais aviadores

Fala o major sr. Cifka Duarte:

—Querendo corresponder á amabilidade com que sou distinguido e apoiado pela opinião dos meus distintos camaradas aviadores, e apenas com o caracter dum simples dialogo, sem responsabilidades de maior, porque não as tenho agora—vou expôr a minha opinião...

—Apressamo-nos a registá-la.

—A solução que me parece mais viavel, atendendo ás pobres circunstancias em que se encontra o nosso país—é a de constituir um organismo de Aeronautica que englobe todos os serviços do ar, uma unica direcção geral, chefiada superiormente por um almirante ou oficial general.

—Que vantagens traz essa direcção?

—Uma grande economia no momento actual.

—Quem devia ser o escolhido?

—Embora qualquer dos nossos almirantes ou generais pudesse ser o escolhido, creio que sem desprimor para nenhum e justiça para o nomeado, o futuro director da Aeronautica podia ser o sabio almirante Gago Coutinho...

—E como seriam organizados os serviços?

—Organizar-se-ia uma unica escola de aviação, podendo-se assim mais economicamente do que em duas escolas, e com mais eficiencia, instruir futuros aviadores quer navais, quer militares. Teriamos, pois, uma importantissima redução de despesas.

—E os parques de aviação?

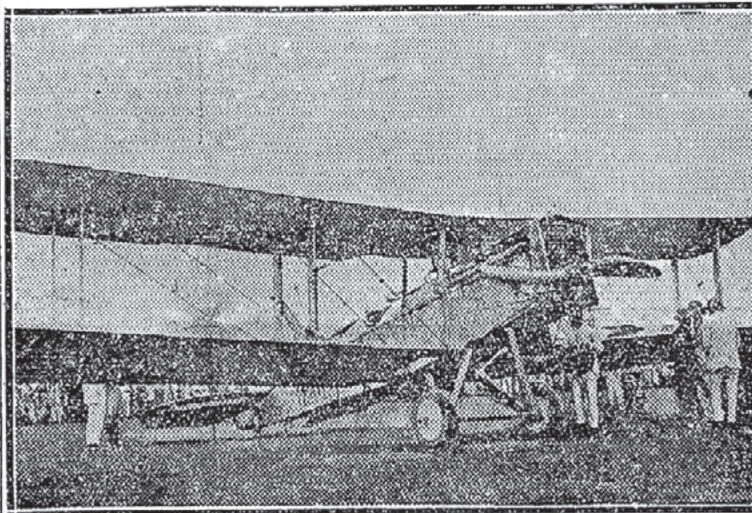
—Como o desenvolvimento da aviação, em Portugal, nunca poderá, pelas circunstancias economicas do país, ser muito grande, os parques seriam fundidos num só. Mais uma compressão de despesas a considerar... As compras de gasolina, oleos, material, aparelhos novos, sobrecelentes, seriam adquiridos e construidos por uma unica entidade. Ainda outra economia...

—Como encaram os seus camaradas da marinha essa opinião?

—Julgo que são absolutamente favoraveis a fusão das duas aviações... Eles sabem bem o entusiasmo e a admiração que lhes tributamos. A inolvidavel proesa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em que a bravura andou a par da sciencia, deixou em todos nós uma profunda impressão, que as palavras respeito e gloria traduzem em parte.

E a fechar:

—Quem poderá no actual momento dar uma opinião autorizada são aqueles que têm a seu cargo a direcção dos serviços da Aeronautica—que eu modestamente, mas empregando toda a minha actividade, dirigi durante algum tempo.



O avião «Patria II» minutos depois de aterrar em Rangoon

“Faremos jus ao melhor cartaz de sempre.” NOS Alive confirmado em 2025

FESTIVAL Edição do próximo ano será nos dias 10, 11 e 12 de julho, no Passeio Marítimo de Algés, confirmou Álvaro Covões, presidente da Everything is New.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A edição de 2025 do NOS Alive está confirmada. O festival será nos dias 10, 11 e 12 de julho no Passeio Marítimo de Algés. O anúncio foi realizado por Álvaro Covões, presidente da Everything is New, na habitual conferência de imprensa de balanço do evento.

Em declarações aos jornalistas, o empresário avaliou que o NOS Alive “cumpriu os seus objetivos” e que a presença do público confirmou o “melhor cartaz de sempre”. A organização confirmou ao DN que passaram pelos três dias de festa mais de 165 mil pessoas.

A programação completa do festival, que terminou ontem, teve um total de 129 atuações e 127 artistas. “Tivemos apenas duas baixas e foram logo substituídas, até nos elogiaram numa delas, que a substituta tinha mais o perfil do público”, analisou. O presidente da empresa também destacou o enfoque dado ao humor nos diversos espetáculos do palco Comédia Stage. “A comédia também é cultura, assim como o fado”, ressaltou.

Para as próximas edições o público poderá apreciar o festival “mais perto do mar”, isso porque foram anunciadas obras no Passeio Marítimo, da Marginal até a foz do rio Jamor. “Além da preservação ambiental, vamos usufruir ainda mais deste espaço por todos”, explicou Isaltino Morais, presidente da Câmara Municipal de Oeiras. De acordo com o autarca, reuniões com o governo central foram realizadas, onde foi definida a parceria para as melhorias na região. O edil atribui ao NOS Alive a mudança na paisagem de Oeiras. “Tem um papel determinante”, complementou.

O NOS Alive ocorre desde 2007, sempre no segundo final de semana de julho, e faz parte do habitual calendário de festivais de música de verão do país.

Krejcikova vence torneio de Wimbledon

A tenista checa Barbora Krejcikova conquistou ontem o segundo título do Grand Slam da carreira graças ao triunfo suado na final de Wimbledon, terceiro *major* da temporada, sobre a italiana Jasmine Paolini, em três *sets*, 6-2, 2-6 e 6-4, ao fim de uma hora e 56 minutos. “É surreal o que acabou de acontecer. É definitivamente o melhor dia da minha carreira e também da minha vida”, confessou a checa, de 28 anos, agradecendo à sua falecida mentora, Jana Novotna, por incentivá-la.



BEN STANSALL / AFP

BREVES

Morreu a Dr.ª Ruth, terapeuta sexual da TV americana

A norte-americana Ruth Westheimer, conhecida como “Dr.ª Ruth”, psicóloga e terapeuta que deu conselhos sexuais de forma divertida e aberta ao longo de décadas na televisão e na rádio norte-americanas, morreu na sexta-feira, aos 96 anos. Muito popular e respeitada nos Estados Unidos, apareceu várias vezes em *talk shows* de grande audiência e entrou na lista das pessoas mais interessantes do século XX das revistas *Playboy* e *People*. O estilo descontraído com que tratava temas de sexo foi copiado em todo o mundo. Com os seus programas de enorme sucesso, Ruth Westheimer deu uma contribuição importante para que determinados temas sexuais deixassem de ser tabu. O seu primeiro programa foi na rádio, em 1980, e chamava-se *Sexually Speaking*. Foi um sucesso e rapidamente deixou de ser apenas emitido em Nova Iorque e passou para todo o país. Anos depois estreou-se na televisão com um *talk show* de grande sucesso, o *Programa da Dr.ª Ruth*. Terminava quase sempre com um conselho: “Façam bom sexo.” Ruth Westheimer teve dois filhos, de casamentos diferentes, e quatro netos, e deixa uma legião de admiradores.

Bernie Sanders defende recandidatura de Biden

O senador Bernie Sanders, figura da esquerda norte-americana, defendeu ontem a continuação de Joe Biden como candidato democrata às presidenciais, apesar da pressão para que o atual presidente se retire devido às dúvidas sobre a sua saúde. “Basta! Biden pode não ser o candidato ideal, mas será o candidato e deve ser o candidato. E com uma campanha eficaz, que fale às famílias trabalhadoras sobre as suas necessidades, não só vencerá Trump como o vencerá largamente”, declarou Sanders num artigo no jornal *The New York Times*, apelando aos democratas “para pararem com as querelas e críticas”. Depois de um desempenho desastroso num debate com Donald Trump, Biden, de 81 anos, tem sido alvo de críticas sobre o seu estado físico e mental, com vários democratas a pedirem que se retire da corrida presidencial. Na sexta-feira, numa ação de campanha, insistiu que será candidato. “Sou candidato e vamos ganhar”, disse aos seus apoiantes em Detroit. Depois do debate, as sondagens indicam que o desempenho de Biden suscita preocupação nos norte-americanos sobre a sua capacidade de governar durante mais alguns anos, mas não mexe muito nas linhas eleitorais.





Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

